ANO 17.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 1937 N.º 5249

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

DESDE 28 de Julho de 1736 (ha duzentos e um anos) data em que foi criada a secretaria de Estado da Guerra, depois Ministerio da Guerra, têm ocupado este cargo publico 211 secretarios de Estado ou Ministros. Nos primeiros cinquenta anos ocuparam esta secretaria Marco Antonio de Azevedo Coutinho, o primeiro secretario de Estado da Guerra, durante 15 anos seguidos, depois Sebastião José de Carvalho e Melo (mais tarde Conde de Oeiras e Marquês de Pombal) durante 5 anos, a seguir D. Luiz da Cunha Manuel, durante vinte anos e Martinho de Melo e Castro, Visconde de Vila Nova da Cerveira e Luiz Pinto de Sousa Coutinho.

Nos ultimos cinquenta anos ocuparam a pasta da Guerra, até se chegar ao sr. dr. Oliveira Salazar, 91 Ministros dos quais 16 depois do 28 de Maio.

Durante o regime liberal foram o Duque da Terceira e Fontes Pereira de Melo os Ministros que mais se demoraram no poder, respectivamente 4 anos e 1 mês e 5 anos e meio, e na Republica foi o general Norton de Matos quem durante mais tempo seguido ocupou a pasta da Guerra, 2 anos e 5 meses.

Estas notas, que valem apenas pela curiosidade, são respigadas da «lista de antiguidade dos oficiais do Exercito», volume anual, publicado agora relativamente a 1936.

* * *

A PROPOSITO do «eco» que neste lugar publicámos acêrca das vantagens do «regime de chamadas», da Companhia dos Telefones, e da necessidade de os contadores oferecerem garantias aos assinantes, unica particularidade a acautelar para o sistema ficar perfeito—recebemos da direcção da Companhia um convite para visitar a grande sala dos contadores.

A aparelhagem automatica do sistema adoptado nos paises mais progressos em telefones, é de tal maneira perfeito que não é possivel erro, desvio ou confusão. Qualquer assinante pode ir ver o contador que lhe diz respeito quando muito bem quiser. Os contadores, de rigorosa precisão, metalicos e reservados, a-pesar-de dispensarem fiscalização, nem por isso deixam de estar sujeitos a uma vigilancia constante. O contador só marca quando o assinante entre em comunicação, e não quando a chamada é em falso.

As suspeitas do publico, naturalmente desconfiado (e ninguem lhe pode levar a mal por isso) estão por consequencia dissipadas.

* * *

ESTA' já assinado o emprestimo de 40 mil contos que vão gastar-se com a construção do novo Matadouro nos Olivais. Obra util, necessaria e reclamada ha longos anos. Importa incluí-la no activo das grandes iniciativas da Camara Municipal.

Lapidações

Um jornal francês relembra aos esquecidos que o honrado Doumergue foi arredado do poder sob a acusação mentirosa de fascista. O velho republicano, que nunca traira as suas sinceras convicções nem renegara principios para obter exitos faceis, ao ser convidado para unir a França contra as paixões politicas e sociais que a despedaçavam, sorriu com bonhomia, dizendo:

— A França conhece os seus filhos dedicados.

Em nome da Patria que invocou, formou um governo de união nacional que se impôs a gregos e troianos pela fraterna concordia que prégava, obrigando os bandos a um regime de silencio que lhes desagradava, mas que tinham de aceitar, como os cavalos e freio que os rege.

Quando o patriota sem mancha, na persuasão de que a obra que tentara carecia de ser cimentada, propôs certas alterações na Constituição, destinadas a robustecer a autoridade do Executivo, levantou-se contra ele uma formidavel oposição que o derrubou, acusando-o de infiel ás instituições democraticas.

Doumergue voltou para Tournefeuille onde, na paz agricola do seu lar, cerrou ha dias o ciclo da sua laboriosa existencia, sempre iluminada por um bom sorriso que era a revelação duma bela alma. O labeu com que os seus adversarios quiseram atingi-lo, apesar de falso qual Judas, conseguiu o seu intento, como se fôra uma insofismavel verdade. Os que se viam embaraçados com a sua presença, atiraram-lhe á cara:

— Fascista! Fascista...

Doumergue compreendeu que a mentira se arvorava em seu julgador e que a sua carreira politica terminava numa encruzilhada.

O seu exemplo não é unico na historia, pois são ás centenas as vitimas do arbitrario que se sobrepõe, com demasiada frequencia, ao respeito merecido pelos defensores do bem comum. O nosso integro Passos Manuel que, se conheceu horas de triunfo, sofreu tambem rudes ataques injustos, declarou a um amigo:

— Os chamados homens publicos são como os muros caiados de branco onde a garotada irreverente escreve quanto lhe vem á cabeça.

Todos nós, os que conservamos memória dos ruidosos sucessos ocorridos nas ultimas três decadas, sabemos como se caluniavam homens, varejando-os com epitetos infamantes, a fim de que perdessem, perante a opinião, o renome de que gozavam. Sob o subterfugio de que a critica era livre, criavam-se lendas sinistras, só pelo prazer de inquinar as águas de que o povo bebe — na frase austera de Sá de Miranda.

Fontes Pereira de Melo foi apodado de ladrão, traidor, déspota, corruptor das consciencias e dos caracteres.

Espalhou-se uma vez, em Lisboa que o govêrno, entendido com o rei, planeava a venda de Moçambique aos ingleses. Ergueu-se hórrido borborinho, na imprensa e na rua, aos gritos de «abaixo os vendilhões!». Gomes Leal, que flutuava na vaga ululante do tempo, lançou um panfleto com êste titulo animador — *Traição*, cujos destemidos alexandrinos fulguraram como archotes.

Pessoas que se consideravam incapazes de colaborar numa farsada, ou de arranchar em cenáculos de linguas venenosas, aceitavam, quasi com volúpia, os boatos que circulavam sôbre êste ou aquele politico, simplesmente porque eram de grei diferente da sua. Os próprios alvejados, como quem pagava um fôro ou suportava um pesado tributo, limitavam-se a encolher os ombros, num liberal gesto de assentimento, que significava isto aproximadamente:

— Ossos do ofício...

Por azar, alguma vez, outros ossos menos metafóricos rangeram sob o côro das imprecações movidas pelos entusiastas das campanhas salvadoras.

ENVIAM-NOS, com o pedido de publicação, a seguinte carta:

Sr. director:—A praia da Adraga, proxima de Almoçageme, nunca gosou nem da grande nem da pequena publicidade.

E' uma praia pequenina, aceada, de areias macias e claras, onde ainda não chegou o progresso, com as suas turbulentas iniciativas. Tem um só banheiro, mas muito acolhedor e uma duzia de barraquitas onde se resguardam do sol e do vento os banhistas que gosam o prazer de se sentirem quasi esquecidos do mundo, na paz imensa do Oceano.

Segundo me contam, a rainha D. Amelia consagrou-lhe a sua afeição, porque gostava de meditar, sob o arco de rocha onde as sombras são duma frescura sem igual.

A sr.ª duquesa de Palmela visita-a, uma vez por semana. Carece de hoteis, casinos, restaurantes e terraços. Encontra-se como sempre foi—um presente da naturesa. Os frugais almoços e jantares que lá se comem—peixe fresco, quasi a saltar, «ramisco» da Adega Regional e frutas deliciosas—parecem cozinhados num daqueles fogões que se acendem ao ar livre e que são assoprados pelas brisas do mar.

Não recomendamos, bem entendido, a Adraga senão ás pessoas que, depois de haverem frequentado as praias da moda, desejem conversar seriamente com a vida, as espumas salgadas, os busios encantados, as velas feiticeiras e tambem escutar a propria consciencia, nos momentos em que ela timidamente acorda para se embalar com o murmurio das vagas, preguntando a si propria:

—Que é preferivel—velar ou sonha ? Perdôe-me, sr. director, este desabafo semi-poetico, sem outro intuito que não seja criar amor pelos sitios aprazíveis de Portugal.—De V. etc. *Camilo Adraguista.*

* * *

EM Saragoça, Espanha nacionalista, está a organizar-se uma peregrinação, por iniciativa da Deputação provincial, a Coimbra, como homenagem a Portugal, tendo por fulcro a visita ao tumulo da Rainha Santa Izabel, oriunda de Aragão.

* * *

FOI aberto concurso para adjudicação da empreitada dos trabalhos de terraplanagens, esgotos, obras acessorias e pavimentação da avenida oriental do Parque Eduardo VII, com a base de licitação de 1.002.500$.

* * *

CONTINUA em organização no Museu e Arquivo Municipal do Palacio Galveias, ao Campo Pequeno, a grande Exposição de Historia Teatral, e que vai sem duvida constituir um exito nesta primavera.

* * *

CONTINUA aberta das 11 ás 19, no Museu do Carmo, e tem constituido um grande exito artistico, a Exposição de Ceramicas Baptistini, da sr.ª D. Maria de Portugal.

* * *

HA' já alguns dias que se encontra doente o nosso querido amigo sr. Pedro Bordallo Pinheiro, por cujas melhoras fazemos ardentes votos.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

TEMAS DE VERÃO

Cantadores estivais

Guerreiros negros, de couraça e elmo, Legião noctivaga de cantores incansaveis e persistentes, são o encanto das horas de lusco-fusco e das de dominio das estrelas.

Surgem na primavera e no verão, a exemplo das andorinhas.

E os grilos, de lar em lar, ou de campo em vergel, nas gaiolinhas modestas ou n asdouradas, ou na relvagem orvalhada, entoam canticos á Mãi-Natura que lhes outorga calor e os leva a trilar, acompanhados pelos harpejos da brisa sussurrante.

Por isso os têm exalçado já, os liricos, os notulistas e os cinzeladores da prosa.

Não os esqueceu Lafontaine, em França, onde o *cri-cri* é suave e lindo, para eles que, de verdade tão pouco de formosura têm...

Negrinhos, como se dos sertões proviessem, invejam os brancos, irmãos da mesma raça, mas mais orgulhosos e menos cantadores...

Talvez por afidalgados, não descem a melodiar senão nos salões majestosos onde os apontam de raridade.

Primaciou-se no *Grilo e a lareira,* Charles Dickens, inglês, o analista das *Aventuras do sr. Prewick,* dos folhetins que ajudámos, por vezes, a rever, na *Tarde,* no auxilio ao Julio Rocha, autor do *Favorito de D. Afonso VI, Lisboa no Palco. A' roda da Politica. O Capricho da Viscondessa,* quando o bondoso extinto em 20 de setembro de 1920, se afadigava na segunda revisão dos soltos esplendidos, as *biscas* politicas, finamente ironicas de Urbano de Castro, poeta e celebrado tradutor do *Mam'Zelle Nitouche,* e corréctor tambem dos nossos primeiros versos...

Tempos em saudade...

Gianolis, o italiano, musicou o *A rosa e o grilo,* andamento integrado na Simfonia Campestre.

Portugal dedicou-lhe, só em Lisboa, um bêco, uma calçada, uma rua, uma travessa, três patios e uma *Ilha.*

Homenagens, possivelmente até, a Grilos bipedes, que não sabem, sequer, dar qualquer nota musical, similar ás dos orthopteros famosos e afamados...

Tanto que a escritora francesa, Blanche Voght, pela Emissora Parisiense de 26 de maio de 1935, depois de exalçar o trovador modesto de Portugal conduzido ao bulicio de Paris, dizia:

«E a mim propria pregunto, tristemente, se o meu grilo português, privado do seu companheiro se não vai deixar morrer de saudade...».

Que importa trilem sempre e sempre a mesma canção, na mesma toada originaria e original?...

São os Manfredos, os Guestos, os Mantuas ducais, desconhecendo outros estribilhos, renovando o batido solo, como os tenores chamados á lusa Patria recomeçam a mesma aria, o mesmo *Escamillo,* o premio *Rodolpho,* o mesmo *Pinkerton,* qual nada existisse além da *Carmen,* da *Bohéme,* da *Butterfly*...

Mas, e porque fazem musica nacional, tipica, merecem hossanas esses tenores—ou *divos* no moderno disparate—que enlevam as cidades tendo por palco minuscula gaiola e de cenario cortinas de alface fresca; ou os campos, fruindo de tablado a amplidão dos verdes ondejantes, de coristas as cigarras enamoradas e de ouvintes, a canzoada vigilante, os passarinhos estremunhados, a verminagem miuda de mourejo nocturno, dos *bichinhos de conta* ás *tenazes,* das *lesmas* arrastadiças aos *vaga-lumes* assustados e ainda ás almas dos contemplativos e dos sonhadores lusitanos, nucleo inextinguivel, imperecivel...

ARMANDO RIBEIRO

(Do Instituto de Coimbra)

Um violento incendio

na fabrica de cimento «Tejo»

VILA FRANCA DE XIRA, 1. (Pelo telefone).—Deram-se por terminados, ás 6 horas, os trabalhos de rescaldo do incendio que, ás 2 e 30, se declarou, com grande violencia, na secção de serração da importante fabrica de cimentos «Tejo», em Alhandra. O fogo, que chegou a ameaçar outros edificios do vasto estabelecimento, foi isolado pelos Bombeiros Voluntarios da Alhandra e desta vila, regressando estes ultimos, ás 5 horas, e continuando os primeiros no local do incendio por mais algum tempo. Os prejuizos, assim mesmo consideraveis, pois ficou destruida toda a oficina de serração, estão cobertos pelo seguro.

UMA ESQUADRA AMERICANA

comandada por um almirante chega ao Tejo na proxima semana

Sob o comando do almirante Brown visita o Tejo na proxima semana uma esquadra norte-americana que anda em viagem pela Europa.

No dia 6 devem chegar os grandes couraçados «Arkansas» e «New York», e o couraçado-escola «Wyoming», no qual viajam muitos cadetes da Armada americana.

No dia 7 entrará o cruzador «Raleigh», que pertence á esquadra do almirante Brown.

O «Arkansas» e o «New York» são barcos de 27.000 toneladas, com um poderoso armamento e a velocidade maxima de 26 milhas horarias. Tem, cada um, 900 homens de guarnição e são comandados por capitães de mar e guerra, arvorando o almirante Brown, a sua insignia no «Arkansas».

O «Wyoming», desloca 26.000 toneladas e está adaptado a navio-escola de artelharia e navegação.

O «Raleigh» desloca 7.000 toneladas, tem artelharia de 150 e 120 mm. e a velocidade maxima de 34 milhas horarias. E' comandado por um capitão de fragata e tem 600 homens de guarnição.

A esquadra deve demorar-se alguns dias no Tejo.

Emprestimos ás Camaras Municipais

de Leiria e de Peniche

O «Diario do Governo» publica hoje portarias pelo ministerio das Finanças, autorizando: a Camara Municipal de Leiria a contratar, na Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia, a conversão do seu débito á mesma Caixa e a contraír um emprestimo até ao montante de 600 contos, amortizavel em 15 anos, destinado á despesa com expropriação de terrenos, terraplanagem e abertura de ruas, construções no estábulo municipal, de escolas, de lavadouros, de fontes nas freguesias e reparação das existentes e abastecimento de agua a Monte Real: e a Camara Municipal de Peniche a contratar na mesma Caixa um emprestimo de 200 contos, para ocorrer, com a comparticipação do Estado, á despesa a fazer com a construção das zonas III e IV da rêde de esgotos da sede do concelho.

Lelain as quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE.*

O GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA

visitou hoje a Colonia Balnear da Cruz Quebrada e a exposição do mobiliario Luiz XV

O sr. tenente-coronel Lobo da Costa, governador civil interino de Lisboa, visitou hoje a Colonia Balnear que o Conselho Central das Juntas de Freguesia mantém na Cruz Quebrada. Foi recebido pelo presidente do referido Conselho, dr. Guilherme de Freitas Brito, e pelo tesoureiro, sr. Pedro Terenas, director da Colonia.

As 243 crianças—que estavam almoçando, quando o chefe do distrito chegou—manifestaram-se entusiasticamente, agitando bandeiras nacionais e vitoriando o Estado Novo, o Chefe do Estado, o presidente do Conselho e o sr. governador civil.

O sr. tenente-coronel Lobo da Costa visitou demoradamente as instalações da Colonia e felicitou os dois membros do Conselho Central das Juntas de Freguesia, dizendo que aquela obra era admiravel e que merecia ser ajudada e alargada, a-fim-de proporcionar a muito mais crianças os beneficios dalgumas semanas na praia. Prometeu voltar lá mais vezes e acompanhar a marcha de tão simpatica iniciativa.

A' tarde, o chefe do distrito visitou, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição do rico mobiliario, em estilo Luiz XV, todo coberto a oiro de 24 quilates e composto de 34 peças, com pinturas de mestre Alves Cardoso, estofos de Aubussons e espelhos e cristais de Saint-Gobain que vai ser adquirido por subscrição e oferecido ao Estado português.

Arraial da rua do Patrocinio

A comissão de senhoras organizadora do lindo arraial de caridade, na rua do Patrocinio, 5, (á Estrela), resolveu repeti-lo no proximo sabado, 3 de julho, com guitarradas pelos amadores Fernando, Francisco Pinto Coelho e José Antonio Sabrosa, fados cantados por Lucilia do Carmo, Filipe Pinto e pelo pequeno Tita nas suas imitações de fox e sambas. Haverá barracas de iscas, bebidas e devertimentos.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No Ajuda Club realizam-se nos dias 3, 4, 10, 11, 17, 18, 22, 24 e 25 diversos festejos promovidos por uma comissão de socios.

Durante as festas será oferecido vestuario a diversas crianças.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1,1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3713

Partida de Sintra

aos domingos, ás 8 e 15

SERVIÇO ULTRA-RAPIDO

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA e AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (R. do Arsenal)

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.

MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações. Wagons-lits | | Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

O dia religioso

AMANHÃ, 2—Visitação de Nossa Senhora a Santa Izabel, rainha de Portugal, viuva.

Lausperene, sai da igreja das Chagas de Cristo, para a de Santa Isabel.

Igreja das Chagas de Cristo, ás 11 e 30, missa de reposição do Lausperene, procissão e benção.

Santa Isabel, ás 11 e 30, missa solene e festa ao orago, por instrumental; ás 19, «Te-Deum».

Reposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

«A LUTUOSA DE PORTUGAL»

O 10.º aniversario de «A Lutuosa de Portugal» é a prova cabal do valor dos principios mutualistas, quando praticados com perseverança e entusiasmo.

Esta Associação nasceu da iniciativa de alguns homens que marcaram os seus nomes nas lides associativas e, dentro da sua estrutura social, propôs-se inaugurar uma modalidade mutualista que até aí não tinha sido ainda experimentada. A semente lançada á terra frutificou. «A Lutuosa de Portugal» vingou desde a primeira hora, atraindo a si uma multidão de associados e conseguindo em pouco tempo uma situação de desafôgo e prosperidade que lhe permitiu instalar-se em casa propria — um magnifico predio na arteria mais importante do Porto.

Tendo de sujeitar-se ás modificações que a lei impôs ao seu sistema de cotização, «A Lutuosa de Portugal» continua, porém, a exercer a sua acção mutualista com admiravel e proveitoso resultado. Para se calcular a importancia dessa acção, bastará mencionar alguns numeros, que falam como gente — e cuja eloquencia é superior á das palavras: «A Lutuosa de Portugal» pagou aos beneficiarios dos seus socios falecidos, desde a sua fundação até 31 de maio a quantia de 24.254 contos em subsidios unicos de funeral e luto e suplementar. Desses subsidios aproveitaram 2.347 individuos.

A sua população associativa, que anda á volta de 15.000 individuos, é uma afirmação da sua vitalidade. O novo ssitema de cotização, que a lei instituiu, permite um socorro de previdencia, que vai de 5 mil a 30 mil escudos. A taxa de cotização é regulada dentro do quantitativo do subsidio que se prefere e reporta-se á idade em que o associado tem á data da sua inscrição. Para o pagamento da joia, «A Lutuosa de Portugal» oferece tambem as maiores facilidades, visto que tal pagamento pode ser feito em prestações insignificantes.

Associação de Fotogrametria

Na Faculdade de Ciencias de Lisboa reuniu-se a assembléa geral da Associação Portuguesa de Fotogrametria, presidindo o sr. coronel Mimoso Guerra, director do Instituto Geografico e Cadastral.

Fôram eleitos nessa sessão os novos corpos gerentes, e procedeu-se á eleição dos correspondentes portugueses no V Congresso Internacional de Fotagrametria, a realizar em Roma, ficando indicados os seguintes: *3.ª Comissão:* Determinação dos pontos de apoio da fotografia, eng. Ferraro Vaz; *4.ª Comissão:* Exploração topografica das fotografias aereas, general Norton de Matos; *7.ª Comissão:* Organização industrial da Fotogrametrica e tactica dos trabalhos, dr. Vitor Hugo de Lemos; *8.ª Comissão:* Ensino tecnico, bibliografia, vocabulario, notação, eng. Jorge Oom.

Marinha de Guerra

Os exercicios navais do verão

Uma divisão de contra-torpedeiros constituida pelas unidades «Douro», «Vouga», «Lima» e «Tejo», sob o comando superior do sr. capitão da fragata Sousa Ventura, vai efectuar um periodo de exercicios na costa do Algarve, os quais constarão essencialmente de fogos reais para alvos fixos e rebocados, e de lançamentos de torpedos com os navios parados e a navegar.

O «Vouga» larga esta tarde para a costa algarvia.

A esquadrilha de submarinos e a aviação naval colaboram na fase final dos exercicios.

O cruzeiro do «Bartolomeu Dias»

Largou esta tarde do Tejo, pelas 16 e 30, o aviso de 1.ª classe «Bartolomeu Dias», que vai efectuar um cruzeiro de instrução de dois meses pelos arquipelagos do Atlantico.

Navio-chefe no Tejo

Por ter largado do Tejo o «Bartolomeu Dias», ficou, a partir de hoje, arvorando a insignia de navio-echefe das forças navais, o aviso «Pedro Nunes».

Desastre de viação

Hoje, em Meleças, quando um camião da Shell passava numa curva, um moço da mesma companhia, que seguia no carro, foi cuspido, tendo ficado em estado grave.

Conduzido ao hospital de S. José, o referido empregado, que tem o apaledio de Gonçalves e aparenta 25 anos chegou ali já morto, pelo que o cadaver foi removido para a Morgue.

TEATROS E CINEMAS

A festa de Alvaro Benamor

Alvaro Benamor, que em epocas sucessivas se tem conservado na companhia do teatro Nacional, onde os seus méritos lhe conquistaram um lugar de destaque, realiza amanhã a sua festa artistica com a celebre peça de André de Josset, «Isabel, rainha de Inglaterra», em que desempenha um papel de grande relêvo.

Haverá ainda um acto de variedades em que tomam parte Amelia Rey Colaço, Maria Clementina, Maria Lelande e o festejado.

Além dos atractivos que o espectaculo oferece, e que devem levar farta concorrencia ao teatro Nacional, os numerosos amigos e admiradores de Alvaro Benamor vão certamente levar-lhe nessa noite o preito da sua homenagem.

Atrás do reposteiro

A companhia Maria Matos deve terminar os seus espectaculos no Casino Antartica, de S. Paulo, no proximo domingo, dizendo-se que voltará ao Rio de Janeiro, antes do seu regresso a Lisboa, a-fim-de realizar uma serie curta de espectaculos com uma peça original de duas escritoras brasileiras.

—A-fim-de vir assistir, ontem, á festa de homenagem ao escritor Antonio de Macedo, encontra-se de novo, em Lisboa, o escritor portuense Arnaldo Leite.

—A companhia espanhola de Casimiro Hortas está trabalhando no teatro Sallis, em Montevideu, com um grande repertorio de comedias.

—No convite para o ingresso numa companhia de revistas da sr.ª D. Orquidea Dalia Flores, do «Grupo dos Galitos» interveio, a pedido da respectiva empresa, um conhecido titular, patricio daquela senhora.

—A grande actriz Paulina Singerman passou com a sua companhia de comédias, de Nova York, para S. João de Porto Rico.

—Na revista «O Liró» reaparece amanhã o quadro a proposito, «Adeus, Beatriz!», que se representará apenas até ao proximo domingo e que ante-ontem, na festa de Beatriz Costa, obteve um grande exito.

—O grande actor espanhol Ernesto Wilches, á frente duma grande companhia, está presentemente trabalhando em Rosario de Santa Fé.

—Pelos jornais chegados ontem de Montevideu verifica-se que a Companhia de Jardel Jercolis obteve no Teatro Artigas daquela cidade, na noite da sua estreia, com as revistas «Maravilhosa» e «Gool», um grande sucesso, assinalado por todos os criticos.

—Está já aberta a bilheteira do Avenida para a venda de lugares para o proximo domingo récita extraordinaria, com a peça «O Papá Lebonnard» e um grandioso «Fim de Festa».

—A companhia da grande artista espanhola Blanca Podestá debutou na capital da Republica do Panamá com a comedia «Montaña de Brujas».

—Encontra-se doente a vedeta Corina Freire indigitada para primeira figura do Avenida, na revista em ensaios «Portugal está na moda», cujos actores são: Rafael Marques, Erico Braga, Gil Ferreira, Armando Machado, Jorge Gentil e José Alves.

—Os nove quadros em que se dividem os três actos da opereta bairrista «A Senhora da Atalaia» que na proxima semana sóbe á cena no Maria Vitoria, são pintados pelos cenografos Joaquim Viegas, Baltazar Rodrigues, Luiz Salvador, José Mergulhão, Reinaldo Martins e Almeida & Duarte, com uma cortina de Pinto de Campos.

—Deve reaparecer brevemente num dos nossos teatros de revista a brilhante actriz Filomena Casado.

—O realizador Charles tem concluidos os trabalhos de organização da sua atracção «Victoria Dancer's», constituida por um seleccionado grupo de «girls», que brevemente, para o cumprimento de varios contratos, iniciará o seu novo repertorio de dansas e bailados.

—O idolo americano actual dos filmes de aventuras é John Wayne, o heroi da empolgante produção «Os 90 Bandidos», cuja acção se baseia num interessantissimo facto historico dos Estados Unidos da America e que é agora o motivo da afluencia de todo o publico ao Coliseu, onde tambem se exibe a encantadora comedia «O Granadeiro Galante».

A despedida de Beatriz Costa

Em vesperas de abalada para o Brasil, onde o seu nome vai figurar pela primeira vez á frente duma companhia, Beatriz Costa recebeu ante-ontem, no Variedades, a homenagem dum publico numeroso e entusiasta, que não se cansou de a aplaudir, que a acarinhou de tal modo que chegou a enternecê-la. A raínha da alegria tinha uma lagrima rebelde ao canto do olho, que lhe fez grande impressão, principalmente por causa do «rimmel».

A comoção, porém, passou a breve trecho e ela voltou a ser mais Beatriz Costa do que nunca, prodigiosa de graça, de fantasia e de vivacidade em todos os numeros que interpreta na revista «O Liró». O publico, encantado, dava palmas, pedia bis, delirava a cada gesto que ela fazia, a cada gracinha que ela dizia.

Beatriz Costa é, incontestavelmente, a menina bonita do Teatro ligeiro. Até hoje, nenhuma como ela conseguiu tanto prestigio, tanta popularidade e uma unanimidade de opiniões tão perfeita em volta do seu nome. O publico vê-a partir para o Brasil com saudade. Beatriz Costa já faz parte do panorama nacional.

No acto de variedades que ante-ontem fechou o espectaculo em sua homenagem, tomaram parte Alfredo Ruas, que fez as apresentações; Tereza Gomes, que cantou um fado alusivo á proxima partida de Beatriz; Costinha, que deliciou a assistencia com dois numeros comicos; Irene Izidro, que cantou com a sua costumada gentileza um numero sentimental e, por fim, Ilda Stichini, que recitou poesias com uma arte consumada de declamadora. Tomaz Ribeiro Colaço repetiu a façanha poetica que lhe vimos realizar ha dias no Trindade, improvisando em poucos minutos um soneto com rimas fornecidas pelos espectadores e em que o seu talento, o seu espirito e os seus espantosos dotes de improvisação mais uma vez ficaram brilhantemente demonstrados.

A fechar o espectaculo, representou-se o «sketch» «Adeus, Beatriz!», com a festejada, Alvaro de Almeida, Carlos Alves, Armando Machado e Carlos Baptista, que forneceu novos motivos de hilariedade a um publico alegre e satisfeito que deu por bem empregado o seu dinheiro. — N. L.

A festa de Antonio de Macedo

O empresario Antonio de Macedo reuniu ontem no Maria Vitoria uma brilhante parada de artistas que fôram prestar-lhe homenagem, tomando como pretexto a passagem do seu aniversario natalicio.

Depois da opereta «O Brasileiro Pancracio», houve uma exibição de fados em que se fizeram aplaudir, gentilmente apresentados por Irene Izidro, a actriz Zulmira Miranda, as cantadeiras Maria Emilia Ferreira e Arminda Vidal e os cantadores Alberto Costa e José Pereira.

A seguir, representou-se uma pequena revista intitulada «A grande parada», em que tomaram parte numerosos artistas e em que Vasco Santana e Alberto Ghira figuraram de «compères», fazendo com originalidade a apresentação dos diversos numeros. Carmencita Aubert, em gracioso «travesti», cantou um tango; Rafael Marques reeditou um dos seus numeros de revista mais aplaudidos; Ilda Stichini fez uma brilhante demonstração dos seus admiraveis dotes de ingenua, numa curta cena comica que representou primorosamente; Beatriz Costa veio á pressa do Variedades, entre dois numeros, deliciar a assistencia com «O cochicho»; Mirita Casimiro repetiu com muito agrado a «Marcha infantil» da «Catraia do Bolhão»; Adelina Abranches disse com emoção e com invejavel frescura um numero de exito das suas andanças pelo Teatro de revista; e, por fim, Palmira Bastos recitou com admiravel intenção versos de Eugenio de Castro. A mesma artista leu, em cena aberta e perânte um grupo numeroso de colegas seus, escritores teatrais e gente de teatro, uma carta que lhe foi entregue fechada e em que o dr. José Galhardo, pela boca da ilustre actriz, prestava homenagem a Antonio de Macedo. E como quer que nessa homenagem envolvesse o nome glorioso de Palmira Bastos, ela endereçou amavelmente para Adelina Abranches as expressões de louvor que lhe eram dirigidas. O publico associou-se calorosamente a esta pequena cena de irreprimivel comoção e aos aplausos com que os artistas premiaram a actividade incansavel de Antonio de Macedo, através duma carreira prodiga em triunfos e rica de experiencia teatral. — N. L.

«A floresta petrificada», no Condes

Não é um filme vulgar de «gangsters» este que no Condes se exibe com o titulo de «A floresta petrificada» e está feito sobre uma peça de Robert Sherwood com clima literario e preocupações espirituais que o realizador soube aproveitar para o processo cinematografico. E soube encontrar o actor indicado para o protagonista, um homem vivido que sonha ser escritor e de quem as desilusões fizeram um caminheiro sem rumo, rolando pelas estradas ao sabor dos ventos—como o rolo simbolico que ao iniciar-se o conflito aparece repetidamente a marcar o motivo. Leslie Howard, o actor que vimos recentemente em «Romeu e Julieta», representa perfeitamente o homem sem rumo que, num ambiente que ele proprio compara ao da guerra, citando o livro «A L'Ouest rien de nouveau», descobre o motivo que procurava para viver ou morrer—uma mulher, que é no filme a espiritual Marion Davis, filha de francesa e inadaptavel a um posto de comida e gasolina no deserto do Arizona.

Em complemento, um festival argentino com tangos do nosso conhecido Discepolo.—R.

Cine de Verão, no Coliseu

A vasta e arejada sala do Coliseu reune todas as condições requeridas para os espectaculos de verão e mais ainda se estes espectaculos são de cinema, em doce penumbra, sem o aquecimento dos focos potentes e da grande iluminação. Sob a altissima cupula passam-se bem as noites de verão, e os programas do Coliseu são sempre seleccionados com um criterio simultaneamente popular e de bom gosto. Assim, as estreias de ontem satisfazem todas as gamas de publico: «Os 90 bandidos», com John Wayne, e destemidos «cow-boys», apresenta-nos a vibrante vida norte-americana, com as suas lutas politicas, movidas, agitadas, dando satisfação a determinadas zonas; e «O granadeiro galante», com Kathe Gold, Richard Romanowsky e Rudolf Rogger, deleita e faz sorrir, até com sorriso malicioso, a gente dos lugares de luxo, a que prefere uma atrevida aventura, neste caso aventura de côrte, os amores duma dama com um granadeiro. E assim, a todos satisfaz o programa de cinema de verão no vasto e arejado Coliseu.—R.

CAFÉ MONDÊGO

Hoje grandiosa sessão de fados pelos estimados artistas Maria Carmen, Maria Virginia, Manuel Caseais e Alberto Ribeiro. Solos pelo professor Martinho da Assunção. Variações pelo professor Casemiro Ramos. Amanhã estreia do terceto Artes Diferentes.

R. Barroca, 124 *Telef. 2 5676*

BOLSA DE LISBOA

1 de julho

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936	957$00	—	957$00
» 4 0/0 1934	968$00	967$00	969$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	—	—	—
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.015$00	1.014$00	1.020$00
» 4 3/4 1934	—	—	—
» 5 1/2 0/0 1933	1.052$00	1.052$00	1.054$00
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.735$00	1.735$00	1.745$00
» 3 0/0 2.ª »	—	—	—
» 3 0/0 3.ª »	—	—	—
Cautelas s/juro 3.ª Série	160$00	155$00	160$00
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	—	—
Espirito Santo port.	—	470$00	—
Lisboa & Açores, port.	—	375$00	—
Portugal, portador	—	1.135$00	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	900$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	217$00	222$00
Nacional	—	720$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria	—	—	—
» » privilegiadas	—	13$00	15$00
Aguas de Lisboa, port.	—	—	—
» » ass. 1934	—	110$00	—
» » ass. 1936	—	—	—
Credito Predial	—	17$50	19$00
Gaz e Electricidade	310$50	310$00	310$50
Portugal e Colonias	81$50	81$40	81$80
Navegação	97$50	97$00	98$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
de Tabacos	394$00	394$00	395$00
Tabacos de Portugal	367$00	367$00	368$00
Tabaqueira	—	490$00	—
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açucar de Angola	—	376$00	378$00
Busi — 1.ª Emissão	48$00	48$00	48$50
» — 2.ª	—	—	—
Ilha do Principe	—	393$00	400$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	—	265$00	274$00
Prediais 6 0/0 — 1932 1.ª S	—	90$00	91$00
» 7 0/0	103$00	103$00	103$50
União Elect. Port. 6 1/2 0/0	—	—	125$00
» » » 5 0/0	—	104$50	—
Busi 9 0/0	—	111$50	111$00
» 6 1/2 0/0	—	—	120$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 **RUA S. JULIÃO, 69**

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$20
Paris	$87,8	$87,9
Madrid	1$25 7	1$25,9
New-York	22$25,8	22$29,8
Zurich	5$09,0	5$09,9
Roma	1$17,2	1$17,4
Bruxelas	3$74,8	3$75,5
Amsterdam	12$22,9	12$25,1
Berlim	8$93,2	8$94,8
Praga	$77,6	$77,8
Rio de Janeiro	1$46,1	1$46,3
Libra ouro	—	—

Flotilha inglesa

Largaram hoje de manhã do Tejo com destino a Gibraltar a flotilha de caça-submarinos ingleses e o navio de apoio «Vulcan», que ha dias se encontrava no nosso porto.

Café Luso

Hoje cantam os considerados artistas Madalena de Melo, Fernanda Amalia e Francisco Santos (no jocoso). Faz a sua estreia, o grande artista Francis, fantasista musical. O Café Luso tem ventilação propria e artificial. Neste respeitado Café, têm V. Ex.as a melhor ordem. Consumo 1$30. Avenida da Liberdade, 31.

4 noites mais no

MARIA VITORIA

desde hoje até domingo, da opereta

O BRASILEIRO PANCRACIO

Duas Sessões A's 8,45 e 11 horas

4 noites apenas!

VARIEDADES

Hoje, amanhã, sabado e domingo os

4 ultimos dias

DA REVISTA

O LIRÓ

para despedida de BEATRIZ COSTA a

Preços Populares

DON JOAQUIN FORCADA DE RIBA

Missas do segundo aniversario

Sua viuva, filhos Luiz e Margarita e demais familia mandam celebrar duas missas sufragando a sua alma na Igreja dos Martires, amanhã, ás 10 horas.

PROGRAMAS DE HOJE

TIVOLI — TELEF. 5 0595 — A's 21 e 30 — 4.ª semana — **A Revolução de maio** — filme português de Antonio Lopes Ribeiro, com Maria Clara, Martinez, Emilia de Oliveira, Alex. Azevedo, Luiz Campos, Ribeirinho, etc.

ODEON — A's 21 e 30 — Telef. 2 6283 — **Rose Marie** — com Jeanette Mac Donald

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163 — **Tarzan e a Companheira** — Os cartões de convite com 50 % são válidos todos os dias, de tarde e á noite, nos dois cinemas, excepto aos domingos.

CAPITOLIO — fel. 27493 A's 21.15 — **Uma tarde no jardim** — com Jean Arthur — **Panico no ar**

PAVILHÃO PORTUGUÊS — A's 21 e 15 — **A vida de Pasteur** — **Orgia Dourada**

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21 — **LUA DE MEL** — **Um grande acto de Variedades**

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172 — **Horas inconfessaveis** — com Loretta Young e Franchot Tone — **O Caso Garden** — com Virginia Bruce e Ed. Lowe

CONDES — A's 21 e 30 — TEL. 2 2523 — **A Floresta Petrificada** — com Bette Davis e Leslie Howard — **Festival Argentino**

PARIS — Tel. 2 8777 — A's 21 — **DOIDOS DO AR** — com James Cagney — **O cabaret das maravilhas**

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15 — **Levados da Breca** — com Mary Astor — **Abaixo a mascara**

TERRASSE — Tel. 20917 — A's 21.15 — **Piano D. O. X.** — **A canção do Rio**

CASINO ESTORIL — **A's 21 e 30** — **PAZ NA GUERRA**

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Chautemps procura evitar o "lock-out"

dos proprietarios de hoteis e restaurantes

PARIS, 1.—Relativamente ao conflito dos hoteis, restaurantes e «cafés», aguarda-se o resultado da entrevista que se realiza hoje, ás 11 e 30, no palacio Matignon. A disciplina e a organização alargam-se do lado patronal; recebem-se, constantemente novas adesões, a mais importante das quais é a do «Comité» Nacional da Alimentação.

A C. G. T., num comunicado, chamou a atenção do governo e da opinião publica para a gravidade da situação criada pela ameaça patronal, declarando que não consentirá que, nem directa, nem indirectamente, se atente contra as leis sociais. No mesmo comunicado diz que «os patrões correm o risco de fazer as despesas da operação».—(Havas).

Após uma reunião do gabinete Chautemps avista-se com os patrões

PARIS, 1.—O conselho de gabinete esteve reunido desde as 10 e 30 ás 12 e 30 horas. Depois do conselho, Chautemps, assistido por William Bertrand, recebeu os delegados do patronato dos hoteis. A proposito do «lock-out» iminente, a Confederação Geral do Pequeno Comercio e Artinasato, que compreende 150.000 aderentes, em que figuram muitos hoteleiros e proprietarios de pequenos cafés, publicou um manifesto convidando os seus membros a não fecharem em 3 de julho, aconselhando o adiamento do movimento neste momento em que se esperam milhares de pessoas em Paris de visita á Exposição. De Argel comunicam que o Sindicato Hoteleiro decidiu convidar os seus membros a fecharem em 3 de julho, por solidariedade com os de Paris.—(Havas).

As negociações prosseguem

PARIS, 1.—Os delegados da industria dos hoteis, patrões e operarios, depois da reunião que tiveram com Chautemps na presença do ministro do Trabalho para solucionar o conflito, decidiram reunir-se ás 18 horas para prosseguir nas negociações. Frisa-se que Yvon Delbos, ministro dos Estrangeiros, foi ouvido durante a primeira conferencia.

Depois da reunião desta manhã, o conflito é agora encarado duma maneira mais optimista. As autoridades esperam que se chegue esta tarde a uma solução transacional.—(Havas).

Varios ministros ameaçaram demitir-se

PARIS, 1.—Os jornais da direita entendem que a votação da lei dos plenos poderes é a consequencia do fracasso da politica financeira de Blum e de Auriol.

Segundo o «Echo de Paris», as primeiras consequencias são um novo adiantamento de quinze biliões,, feito pela Banco de França ao Tesouro, assim como a queda do franco Auriol. Seguir-se-ão outras medidas. Ee o governo as não tomou ainda é porque ha divergencias de vistas entre os seus membros. O gabinete Chautemps-Blum não é, com efeito, tão unido como o presidente do Conselho queria fazer crer. Muitos dos seus membros já ameaçaram demitir-se. Os socialistas tentam sabitar as medidas do ministro das Finanças. Chautemps fia-se no seu valor de conciliador para encontrar uma base de entendimento.

O «Populaire» não pode dissimular a sua colera pelo facto do Senado ter concedido a Chautemps os poderes que recusou a Blum.

O orgão socialista diz que ninguem acreditará que as questões pessoais não tenham desempenhado, neste caso, um papel importante.—(D. N. B.).

A reabertura das bolsas

PARIS, 1.—O decreto de reabertura das bolsas aplica-se, até nova ordem, unicamente á Bolsa de Valores. Os fundos de readaptação não foram suprimidos pela modificação da lei monetaria de Outubro de 1936.—(D. N. B.),

O regresso á livre circulação de capitais

PARIS, 1.—Comentando a nova politica financeira do governo, Wladimir d'Ormesson escreve, no «Figaro»: «E' preciso que todos os franceses se submetam aos penosos remedios que lhes vão ser aplicados. Devemos estar reconhecidos a Chautemps e a Georges Bonnet por, finalmente, terem dito a verdade, assim como as condições indispensaveis para a restauração».

O «Matin» diz: «Regressámos enfim á sã tradição da livre circulação de capitais. Os felizes efeitos da politica classica não deixarão, certamente, de se fazer sentir muito rapidamente».

No «Populaire», Zyromski escreve: «Na luta travada contra os capitalistas muitas faltas se cometeram, mas ainda é possivel repará-las. O entusiasmo e o dinamismo da Frente Popular não setão abalados.

Na «Humanité», Duclos diz: «Estamos convencidos de que as massas trabalhadoras, conservando-se unidas para a defesa do seu pão, conseguirão vencer as resistencias que ainda se opõem á realização de importantes reformas sociais».—(Havas).

Os Estados Unidos perante a crise do franco

NOVA YORK, 1—Os circulos financeiros observam uma grande reserva sobre a crise do franco francês, mas acham que é inutil uma nova desvalorização, se não fôr acompanhada dum equilibrio efectivo do orçamento. Interessam-se particularmente pela sorte do acôrdo tripartido, que o comunicado Roosevelt-van Zeeland apresentava como um exemplo de cooperação internacional eficaz. Crê-se que o governo americano, de acôrdo com Londres, manterá o franco depois da crise, com ou sem desvalorização.—(D. N. B.)

NOVA YORK, 1.—A proposito da crise do franco francês, sabe-se que as medidas que a Tesouraria americana tomará contra o capital estrangeiro que aflua aos Estados Unidos constituem de alguma forma um auxilio para o franco. Anuncia-se que este capital deve ser atingido por impostos consideraveis, ou posto em situação de inferioridade, pelo facto dos bancos federais de reserva serem obrigados a ter em caixa um minimo bastante elevado de reservas para os depositos estrangeiros.—(D. N. B.)

Aumento de tarifas nos Caminhos de Ferro

PARIS, 1.—O conselho superior dos caminhos de ferro decidiu ontem um aumento de tarifas.—(D. N. B.).

FORTEX

O tonico do cerebro

Lanches para casamentos

PATISSERIE VERSAILLES

RETIRO DA SEVERA

RUA ANTONIO MARIA CARDOSO, 1 — TELEF. 2 5979

Na ESPLANADA, ás 21 horas, NOITE DA MODA, com os seguintes artistas **Ercilia Costa, Maria do Carmo Torres, Deonilde Gouveia, José Porfirio** e todos os artistas privativos disponiveis esta noite. Por especial deferencia dignam-se tomar parte neste espectaculo as Ex.mas Sr.as D. Gloria e D. Lusa em variações á guitarra, com acompanhamento de viola.

Terça-feira, 6 — Festa de homenagem aos artistas privativos do RETIRO DA SEVERA. Grande parada de artistas. **Reserve imediatamente a sua mesa.**

Barbosa & Costa L.da

Apresentam mobilias de quarto de verdadeira originalidade e de perfeita e solida construção **a preços sem competencia**

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11

Telefone **23562**

Exposição de Mobilias

A Casa de Mobilias da Granja convida as pessoas interessadas na compra de mobilias a visitarem as suas exposições, na calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado), onde expõe os mais recentes modelos de luxo, que vende directamente ao publico, dentro da maxima economia.

UM HOMEM COM SORTE

Já apareceu o dono

dos mil escudos

encontrados num caixote do lixo

Já foi identificada a pessoa que perdeu as duas notas de 500$00, que foram encontrados dentro dum «envelope», na rua da Pascoa, por dois rapazitos, um de sete anos e outro de oito, que as entregaram as suas mãis, Palmira Zalvar Rodrigues e Laura Santos que se encontram presas por esse mativo.

Hoje apresentou-se na P. I. C., o construtor civi sr. Antonio Nunes dos Santos, a dizer ao agente Urgel que o dinheiro achado pelos rapazitos havia sido perdido pelo seu empregado. Provou com documentos, que o dinheiro lhe pertencia, o que foi confirmado pelos que o acharam, pois reconheceram um «envelope» que lhe foi apresentado como sendo igual ao que eles encontraram.

No entanto, apareceram hoje no Torel cinco pessoas a declarar que, no mesmo dia, á mesma hora e no mesmo local haviam tambem perdido um conto de reis. O agente Urgel, embora estivesse já identificada a pessoa que de facto o perdera, foi preguntado a todas:

—Era uma nota de conto de reis?

Uns respondiam que eram em notas de 50, 100 e 500$00, outros que era uma só nota de conto, outros ainda que eram duas de 500$00, das novas. A final, as notas do sr. Antonio Nunes dos Santos eram velhas.

A detida Laura Santos gastou com o funeral do filhito que morreu pouco antes dela ser presa 380$00, dinheiro este que não tem maneira de repôr, visto ser viuva, viver pobremente e ter ainda dois filhitos de tenra idade a sustentar. Por tal motivo, certamente o sr. Antonio Nunes dos Santos desistirá de qualquer procedimento.

Os gatunos não descansam

nem mesmo na prisão!

Até na prisão os vigaristas exercem a sua actividade para burlar os incautos!

Ha cerca de duas semanas algumas pessoas residentes na provincia têm recebido cartas assinadas por um individuo que diz chamar-se Antonio da Fonseca e ser fiscal da cadeia do Forte do Monsanto.

Vale a pena focar algumas passagens dessa correspondencia, quanto mais não seja para pôr de sobreaviso as pessoas que venham a receber tais missivas:

«Meu caro amigo: Como sei que você é uma pessoa de negocios quero apresentar-lhe um que deixa um lucro de mais de 50 0/0. E' um negocio bastante serio que tem de ser feito debaixo do maior segredo. Trata-se da venda de moedas falsas, feitas com tal perfeição que é bem dificil diferencia-las das verdadeiras. Caso o negocio lhe convenha, queira procurar-me na Cadeia do Monsanto, onde sou fiscal».

O sr. José Rodrigues, residente em Odemira, ao receber uma carta dessas, em que lhe era proposto tal negocio, tratou de a entregar ao administrador do concelho, que por sua vez a enviou ao sr. dr. Alves Monteiro, director da P. I. C., que encarregou o chefe Pereira dos Santos das respectivas investigações.

Na cadeia de Monsanto não existe fiscal algum chamado Antonio da Fonseca, tendo a policia averiguado que se tratava de preparativos para um conto de vigario. E' muito possivel que tenham sido burladas algumas, pessoas que, por vergonha, ou com receio não se tenham queixado á P. I. C.

Realizam-se hoje na Irlanda

eleições para o Parlamento

DUBLIN, 1.—As eleições no Parlamento realizam-se hoje em todo o Estado livre. Existem duzentos e cinquenta e quatro candidatos para cento e trinta e oito lugares. Apenas amanhã se começará a contagem dos votos e os primeiros resultados só devem ser conhecidos n osabado.—(D. N. B.).

Antigo Solar da Alegria

P. Alegria, 56 — Tel. 24290

Margarida Pereira
Lucilia do Carmo
Manuel Calixto
Domingos Silva
e o jovem «Tita»

Hotel Miramar

MONTE ESTORIL

Hotel Costa. Cintra

MILAGRES

O "homem dos pu

chegou são e salvo

depois duma viagem d

O «homem dos pulmões de ferro» dent
mente por meio duma compl

Os jornais anunciaram há dias a chegada a Chicago do «homem dos pulmões de ferro», que vive há meses dentro dum pesado engenho, onde lhe provocam a respiração artificial por meio duma complicada engrenagem electrica.

Frederick B. Snite—que assim se chama o doente—tem 26 anos e é filho dum milionario americano. Fazia a volta ao mundo e encontrava-se em Pequim, o ano passado, quando foi atacado de paralisia infantil. A principio, foram só os membros que ficaram sem acção. A pouco e pouco, porém, a doença aniquilou-o e Frederick B. Snite estava condenado a uma morte certa, se os recursos da ciencia não lhe valessem rapidamente. Por um acaso milagroso, o «Union Memorial College» possuia os unicos pulmões artificiais que existiam em toda a China e talvez em toda a Asia. Dentro da sua infelicidade, o jovem milionario tivera a sorte de adoecer no unico sitio onde era possivel socorre-lo.

O engenho onde o meteram é um cilindro de metal com o peso de 300 quilos, uma especie de caldeira eriçada de manometros, de torneiras e de um aparelho fabuloso como só a imaginação de Wells podia conceber. A asfixia espreitava o doente, que a custo conseguia respirar. Logo que entrou dentro do pulmão de ferro, a actividade respiratoria começou a exercer-se quasi normalmente. Sem este pulmão electrico que lhe insuflava ar nos bronquios, Frederick B. Snite não teria vivido mais de cinco minutos. Desde que adoeceu até hoje decorreram já catorze meses—catorze meses que ele viveu dentro desta fantastica prisão de ferro, ligado por um sistema engenhoso de tubos por onde passa o ar, incapaz de fazer o menor movimento e de se alimentar ele proprio. O seu corpo está, em boa verdade reduzido a uma maquina, onde só o cerebro funciona normalmente.

Dentro da sua prisão de ferro, veiolhe um dia a nostalgia da patria. Quiz regressar aos Estados Unidos. De Pequim transportaram-no, com mil cautelas, para Changai, onde foi içado para bordo dum navio com destino a Chicago, sua terra natal.

Em São Francisco, onde o navio tocou primeiro, o estranho viajante era aguardado por uma multidão de jornalistas e reporteres fotograficos que espalharam pelos quatro cantos do mundo a noticia da sua chegada e a

São Luiz: Dois grand

HORAS INCONFESSAVEIS

com Loretta Young e Franchot Tone

DA CIENCIA

lmões de ferro"

aos Estados Unidos

e 20.000 quilometros

o da maquina onde respira artificial-
icada engrenagem electrica

imagem da sua gaiola de ferro. Dali para Chicago seguiu de comboio. Cinco carregadores atleticos munidos de mascaras brancas transportaram depois com todo o cuidado a maquina de pulmonar para um camião armado em ambulancia e apetrechado especialmente para esse efeito. O pai do doente, o milionario Snite, dirigia em pessoa o transporte. A parte mais delicada desta manobra consistia em desligar o aparelho da corrente electrica do comboio para o ligar imediatamente ás batarias do camião, de modo que não se produzisse nenhuma solução de continuidade, que seria funesta, na respiração artificial do doente. A mais pequena avaria, um simples curto-circuito ser-lhe-ia fatal. Tecnicos especializados vigiavam sem descanso a engrenagem electrica da qual dependia a vida de Frederick B. Snite. Tudo decorreu, porém, o melhor possivel. O camião partiu escoltado por Policias de motocicleta, como se usa nos Estados Unidos nestas emergencias, e percorreu sem novidade os vinte quilometros que separavam a estação do caminho de ferro do hospital. O homem dos pulmões de ferro foi instalado num quarto preparado especialmente para esse efeito. Durante estas mudanças, o doente nunca deixou de sorrir, tal como se vê na gravura que publicamos. E' que o seu pulmão artificial respirava já o ar da patria o ar produzido pela energia electrica da sua terra, o ar de Chicago.

O pai declarou que o filho suportara perfeitamente a viagem. O que mais ambicionava, ao cabo de catorze meses de cosinha chinesa, era um pouco de cozinha americana.

Os medicos vão tentar uma operação cirurgica para libertar o jovem Snite da sua complicada armadura de ferro.

Seja como fôr, o doente conseguiu chegar são e salvo a Chicago, após uma viagem de 20.000 quilometros que se revestiu de cuidados excepcionais, de instalações electricas especiais e para a qual foi necessario contratar 25 especialistas, medicos, engenheiros, enfermeiras, electricistas, etc.

Ao todo—um milhão de dolares!

HALCÁ A grande marca portuguesa de carpetes, tapetes e passadeiras.

s filmes cheios de interesse!
O CASO GARDEN
com Edmund Lowe e Virginia Bruce

CRUZEIRO DE FERIAS

Os estudantes de alem-mar

tiveram no Porto

uma carinhosa recepção

(Do nosso enviado especial)

PORTO, 1. — *(Pelo telefone).* — O 1.º Cruzeiro dos estudantes de Angola e Moçambique que, praticamente, iniciou ontem o regresso a Lisboa, ponto de partida da viagem do Cruzeiro pela metropole, onde têm recebido os melhores ensinamentos de amor patrio. Os estudantes coloniais encontram-se hospedados em varios colegios da cidade, e os reitores de Lourenço Marques, Huila e Luanda, e os respectivos professores e outras entidades do Cruzeiro, incluindo representantes da «Mocidade Portuguesa» e jornalistas, fôram hospedados na Casa de Saude da Boa Vista, da Congregação das Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas que, como entidade particular, se pôs á disposição do Estado, colaborando assim na patriotica iniciativa do sr. ministro das Colonias. Os academicos coloniais, acompanhados por delegações dos varios liceus e colegios particulares, e dos srs. dr. Augusto Cunha e Eurico Cabral, respectivamente, organizador do Cruzeiro e representante do sr. ministro das Colonias, e dirigente do Cruzeiro, iniciaram hoje as suas visitas á cidade, começando por percorrer as varias dependencias do Liceu Rodrigues de Freitas, onde fôram recebidos pelo reitor, dr. José de Sousa Vieira, que acompanhou os academicos durante a visita áquele estabelecimento.

Em seguida, a caravana automobilistica dirigiu-se para a Foz do Douro e Porto de Leixões, onde verificaram as grandes obras da construção do porto. Em seguida, efectuou-se a visita á igreja de S. Francisco e á Bolsa, em cuja sala do Tribunal Comercial fôram apreciadas as telas de Veloso Salgado, para o que foi por momentos suspensa a audiencia que se estava realizando. Seguidamente, fôram percorridas as salas da direcção e assembléa geral, e o grande salão arabe que encantou os estudantes. Depois do almoço, os academicos de além-mar fôram recebidos na Universidade do Porto, sendo alvo de calorosas manifestações de carinho.

O comboio-automovel rodou depois para Vila Nova de Gaia, onde se realizaram visitas ao Mosteiro da Serra do Pilar, á Casa-Museu Teixeira Lopes e a alguns armazens de vinhos do Porto.

Depois do jantar, no Porto, haverá um festival em honra do Cruzeiro no Palacio de Cristal.

Proezas da aviação

Os ingleses conquistaram de novo o «récord» de altura

LONDRES, 1 — O tenente-aviador Adam, pilotando um monoplano «Bristol 138», com um motor especial «Pegasus», para tentar bater o «récord» de altura, declarou, ao aterrar, que o vôo decorreu perfeitamente. O referido aviador alcançou a altura de 53.937 pés, restituindo assim o «record» á aviação britanica, a quem fôra arrebatado, ha cêrca de um mês, pelo coronel italiano, Mario Pezzi, num «Caproni», que atingira a altura de 51.362 pés. Adam disse que quando voava a grande altura ouvira um ruido estridente por cima da cabeça e que os ventos eram violentos e sopravam de oeste. A temperatura mais baixa registada foi de 48º,9 centigrados.—(Havas)

TRUCIDADO PELO COMBOIO

FIGUEIRA DA FOZ, 1. — Ao quilometro 11, quando o comboio da Beira Alta que chega á Figueira ás onze horas, atravessava uma passagem de nivel sem guarda, colheu Luiz Cavaleiro, Dias, de 23 anos, que, por ser surdo-mudo, não deu pelo avanço. O pobre rapaz — que era das Alhadas, concelho da Figueira da Foz ficou com um braço e uma perna cortodos, sendo conduzido ao hospital, onde faleceu pouco depois.

OFERTA DE 146 MIL LIBRAS

para uma escola de enfermeiras

LONDRES, 1. — Lord Nuffield enviou um cheque de 146.581 libras ao hospital de Birmingham para cobrir as despesas com a construção da Casa e a Escola das Enfermeiras. Já em 1932 contribuira com 52 mil libras para o hospital de Birmingham. — (Havas).

TAPETES PORTUGUESES
Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telefone 20711.

FORTEX
Para o esgotamento fisico

NUVENS NO EXTREMO ORIENTE

Anunciam-se combates entre russos e manchus

e diz-se que os Sovietes concentraram 40 canhoneiras nas águas do rio Amor

LONDRES, 1. — De Karbine informam á «Reuter» que se anunciam combates entre as tropas sovieticas e manchus e que continuam a chegar tropas a Karbine. Ignora-se se aquelas noticias se referem ao incidente de ontem ou a novos combates. Segundo certas fontes, encontram-se concentradas 40 canhoneiras russas na visinhança das ilhas Kan-Fen-Tzú e Chinamu, no rio Amor. Segundo a mesma informação, a situação é «alarmante». — (Havas).

A versão sovietica do incidente

MOSCOVO, 1.—A «Tass» informa que de Blagoveschensk, comunicaram que no dia 29 de junho, nas proximidades da Ilha Sytchevski, no rio Amor, uma canhoneira nipo-manchu fez fogo sôbre um posto da fronteira sovietica.

Depois do posto russo ter ripostado, os nipo-manchus abriram fogo de artelharia da margem manchu do rio Amor sôbre uma canhoneira sovietica, que navegava proximo da margem russa, danificando-a. A bordo da canhoneira houve 2 mortos e 3 feridos. Uma canhoneira nipo-manchu foi rebocada por canhoneiras sovieticas, que a conduziram para a margem russa.—(Havas).

A atitude do Japão é de espectativa

TOQUIO, 1.—As opiniões sôbre as consequencias dos incidentes produzidos pela ocupação das ilhas no Amor por tropas sovieticas, divergem muito. Enquanto que em certas esferas se receia um agravamento da situação, noutras reina mais optimismo e julga-se que o assunto será regulado conforme a promessa de Litvinof, com a retirada das forças sovieticas das mesmas ilhas. Dum modo geral, a situação é de espectativa.

O gabinete japonês não foi convocado para uma sessão extraordinaria, como se julgava.—(D. N. B.).

O governo japonês espera que as tropas russas abandonem as ilhas ocupadas

LONDRES 1—De Toquio informam á Reuter:—Nos ministerios dos Negocios Estrangeiros e da Guerra declara-se hoje que o governo japonês se propõe localizar o recente incidente no rio Amor e adoptar uma «atitude vigilante». O governo japonês confia na garantia dada ontem—antes do incidente—pelas autoridades sovieticas, segundo a qual as tropas vermelhas seriam retiradas das ilhas que ocupam actualmente.—(Havas).

A moderação da Imprensa japonesa

TOQUIO, 1.—O jornal «Asahi» informa que o incidente de Sennufa se deu depois das canhoneiras sovieticas terem feito fogo sôbre soldados japoneses que nadavam no rio. A importancia dos prejuizos causados aos sovietes surpreendeu o Estado Maior do exercito de Kuan-Tung.

A opinião niponica dá provas da maior moderação relativamente ao incidente e manifesta o desejo de que a questão não vá mais adiante. O «Asahi» escreve: «Rejubilamos a-pesar-de tudo com a atitude moderada de Moscovo e cremos que as negociações para a demarcação das fronteiras se reatarão brevemente, eliminando-se assim a origem dos incidentes na fronteira».

O embaixador manchu em Toquio declarou: «E' urgente que se proceda á demarcação da fronteira sovietica-manchu para se evitarem novos incidentes». Os circulos do exercito dizem que os futuros acontecimentos dependem unicamente da atitude dos sovietes, os quais são inteiramente responsaveis pelos incidentes passados e futuros. Acrescentam que a melhor garantia seria a retirada imediata das forças sovieticas das ilhas ocupadas.

O jornal «Chugai» não prevê novos incidentes a não ser que os sovietes se entreguem a represalias, principalmente no ar. O «Nichi-Nichi» diz que a canhoneira afundada era um barco de 20 toneladas, armada com metralhadoras e com 10 homens de guarnição. Consta que a flotilha fluvial sovietica compreende dez navios de mil toneladas, armados com 4 canhões de 120 mm., 10 de 200 toneladas e 20 canhoneiras. A maior parte destas embarcações foi construida em 1936. O aparecimento dos primeiros navios de mil toneladas causou panico na população do litoral.—(Havas).

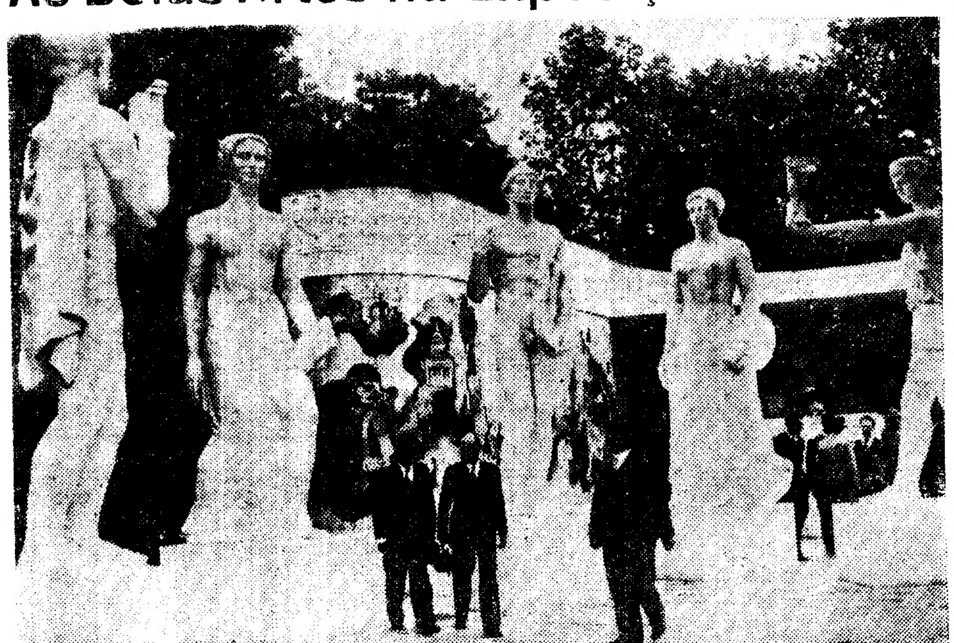
Comentarios norte-americanos

NOVA YORK, 1.—Em «fundo» os jornais preocupam-se com a situação no Extremo Oriente. O «New York Times» diz que a situação presente é pela sua conturbação uma tentadora ocasião para o Japão se alargar para oeste. «Por outro lado—acrescenta—em vista da desorganização da U. R. S. S. o governo de Moscovo possivelmente acolheria uma aventura no Oriente como meio de chamar o povo á defesa da Patria». O «Herald Tribune» entende que o desejo do Exercito japonês de pôr á prova a segurança na Asia «foi a origem das perturbações politicas japonesas» e sugere que possivelmente o Japão «largaria as redeas ao Exercito» para suprimir a tensão criada no interior do país.—(Havas).

A impressão em França

PARIS, 1.—Os jornais publicam em lugar de destaque as informações sôbre o incidente entre o Japão e a U. R. S. S., que eles consideram como muito grave. No entanto não publicam comentarios.—(D. N. B.).

As Belas Artes na Exposição de Paris



Um aspecto da secção de escultura classica durante uma visita oficial

PROBLEMAS DE URBANIZAÇÃO

O BANCO DE HIPOTECAS

Em todos os paises do mundo torna-se hoje necessaria a construção de casas pequenas: casas de 1, 2 ou 3 quartos o maximo, casa de banho e cozinha, que sejam baratas e bastante confortaveis.

Como a construção duma cozinha ou duma casa de banho custa tanto para uma casa de 2 quartos como para uma de 10, a edificação de casas pequenas fica relativamente cara e de pouco rendimento, se se continua a construir da maneira usual. Torna-se imediatamente barata quando as casas são construidas de maneira «concentrica», ou seja, sem corredores superfluos e caros e sem compartimentos que não dêem rendimento.

Para edificar de maneira concentrica, as casas que dão para os patios têm de ser do mesmo valor que as casas que dão para a rua: têm de se arranjar patios grandes, sossegados e belos. Tais patios não se obtêm com a construção dum predio só (porque as trazeiras feias dum outro), mas sómente projectando e construindo numa vez um bloco inteiro de predios, um novo «bairro». Edificios de 300, 500, até 1.000 contos, talvez o senhorio os pudesse pagar com dinheiro proprio. Um bairro que custa 5.000, 10.000 contos, ou mais, nenhum senhorio o pode pagar sem auxilio dum banco de hipotecas. (Porque ninguem pode começar uma tal empresa na «esperança» de conseguir hipotecá-la mais tarde, depois de ter acabado. O interessado «deve», portanto, antes de começar as obras ter a «certeza» senão corre o risco de arruinar-se).

O que é um banco de hipotecas

E' uma instituição especial que não tem autorização para realizar outros negocios que não seja dar primeiras hipotecas a longo prazo (5 anos ou mais), com ou sem amortização, e que obtém o dinheiro por meio de emissões de obrigações. O banco é fiscalizado pelo Estado e precisa para cada nova emissão da licença do governo. A duração das hipotecas depende da das obrigações.

Exemplo:

O banco emite 200 contos de obrigações, ao juro de 5 por cento, vendidas a 98 por cento e pagas 5 anos depois com 100 por cento.

O banco empresta o dinheiro, como primeiras hipotecas, a 5 1/4 por cento de juros, a pagar com 97 por cento e a restituir com 100 por cento; recebe, além disso, do devedor, por uma vez, uma percentagem de 1/2 por cento da hipoteca para a administração. O banco ganha desta maneira com a emissão de 200 contos 1/4 por cento anualmente, mais 1 e 1/2 por cento de uma só vez.

Tem um escritorio tecnico de muita confiança para examinar os pedidos de hipotecas, para o «contrôle» dos prédios em construção e para a fiscalização dos acabados para os quais concedeu as hipotecas. O pedido é feito antes de começarem as obrasi com a apresentação de planos certos, cadernos de encargos, orçamento certo do valor da construção e um balanço exacto.

O banco, se aceita o negocio, obriga-se a pagar a hipoteca se as obras forem cabadas conforme os documentos. Como caução, exige um pequeno deposito.

Vantagens para o senhorio

A primeira hipoteca corresponde a 45 por cento do valor total. Como o senhorio num tal caso pode sempre obter mais 25 por cento como segunda e terceira hipotecas reune assim 70 por cento de dinheiro alheio e precisa desta maneira, para acabar as obras, sómente de 30 por cento do proprio capital. Isto é: pode, por exemplo, com 1.200 contos de dinheiro proprio construir um edificio de valor total de 4.000 contos. (Porque cada senhorio poderá descontar antes até de principiar as obras a promessa feita pelo banco de hipotecas de pagar a hipoteca depois de ser terminada a construção).

Vantagens para a comunidade

O volume das construções dum país pode ser aumentado pelo menos de 45 por cento pelo trabalho dum banco de hipotecas.

Sómente com o apoio dum banco de hipotecas se podem construir novos bairros com casas pequenas confortaveis e baratas.

As pequenas casas baratas contentam a maior parte da população, que não pode pagar as casas grandes.

Pela criação de casas pequenas e baratas, muitas grandes casas em predios antigos ficam vagas. Estas podem ser divididas, processo pelo qual aumenta o rendimento dos predios antigos.

A segurança para os compradores das obrigações

O banco empresta sob as principais condições seguintes:

1) O banco só pode dar emprestimos sôbre predios que sirvam para fins gerais e que tenham inquilinos normais, de modo que a falta de um inquilino não tenha influencia sôbre o rendimento do predio; nunca, portanto, sôbre edificios especiais, como teatros, hoteis, armazens, etc.

2) Como taxa para cada predio tem de atender-se á média aritmetica entre:

a) o valor da construção total, em que não contam obras especiais e custosas, e

b) o valor do rendimento capitalizado depois de subtraidas todas as contribuições, gastos de administração e outras despesas

3) Em todos os emprestimos que não se harmonizem com estas condições, tem de ser pedida a garantia dum terceiro que suporta a primeira hipoteca no caso dum leilão do predio (ou que a paga). Porque o banco, cujo unico negocio consiste em dar hipotecas, em caso nenhum comprará predios sôbre os quais emprestou dinheiro.

Um banco de hipotecas que trabalha em tais bases deve ser protegido contra todas as perdas, para prosperar, estimular a construção e servir ao povo.—M. E. L.

DE LUTO

João Gonçalves Gomes

Realizou-se hoje o funeral do sr. João Gonçalves Gomes, de 25 anos, filho do sr. Antonio Gomes e da sr.ª D. Maria Adelaide Matos Gomes sobrinho do chefe do Expediente do nosso colega «O Jornal do Comercio e das Colonias» sr. Antonio Matos, e primo do nosso camarada na Imprensa, sr. Manuel dos Santos.

João Gonçalves Gomes, dotado de excelentes qualidades morais, estava no começo duma carreira que devia tornar-se brilhante.

A' familia enlutada, e em especial ao sr. Antonio Matos, sentidas condolencias.

CRIME DE FOGO POSTO

ABRANTES, 1—(Pelo telefone)—Na administração deste concelho foi apresentada queixa por Antonio Braz, do lugar da Carreira do Mato, freguesia da Aldeia do Mato, contra Maria Isabel, do mesmo lugar, acusando-a de haver sido autora do crime de fogo posto cometido ha cêrca de 16 anos num pinhal pertencente ao pai do queixoso, causando-lhe prejuizos numa superficie de 18.874 metros quadrados.

FALTA DE TROCOS

Varios comerciantes se nos queixaram hoje da falta de trocos, especialmente de moedas de 50 centavos, que não se encontram nem no Banco de Portugal. Para o caso, que causa embaraços no comercio, pedimos providencias a quem as puder dar.

Pr. Luiz de Camões, 36, 2.º
Telefone 2 1945 LISBOA

Leilão de Penhores
A "Comercial,,
18, T. da Trindade, 22 (Junto ao Chiado) Telef. 2 5082
Recebem-se juros dos penhores atrasados em mais de três meses para o proximo leilão.

COMPANHIA DOS TELEFONES

AVISO AO PUBLICO

No momento de se generalizar a todos os assinantes das Redes Urbanas de Lisboa e Porto, o regimen de chamadas, a Companhia convida todos os seus subscritores a visitarem as Estações Automaticas para se identificarem com a aparelhagem de contagem, e onde podem ser ***lidos os contadores dos telefones a qualquer hora do dia ou da noite.***

PLISSADOS
EM 24 HORAS só na
R. 1.º DEZEMBRO, 64

ESTRANGEIRO

Vidros e Espelhos
VIDRAÇA
para OBRAS, MOBILIARIO e AUTOMOVEIS, etc.
montras, portas, janelas, etc.
Consultem
A MOLDURA NACIONAL, Ld.ª
L. Conde Barão, 46 — LISBOA

O MOMENTO INTERNACIONAL

Uma critica á acção da S. D. N.

LONDRES, 1.—Falando da discussão travada sobre a Sociedade das Nações na Camara dos Lords, o «Morning Post» escreve que, desde a sua fundação, a instituição genebrina fracassou sempre em todas as questões importantes da politica internacional. Em lugar de suprimir as guerras, encontrou maneira de tornar universais os conflitos locais. Nenhum amigo sincero da paz pode hoje ter confiança no que resta da Sociedade das Nações.—(D. N. B.).

As relações russo-americanas

WASHINGTON, 1.—Os meios oficiosos informam que o almirante Leahy apresentou desculpas ao embaixador da U. R. S. S. por causa das referencias que fez ao proletariado russo no discurso que proferiu no dia 23 de junho no Military College de Washington.—(Havas).

NOTICIAS DO BRASIL

Uma tentativa de levantamento militar em Vitoria

RIO DE JANEIRO, 1.—Foi rapidamente reprimida, em Vitoria, capital do Espirito Santo, uma tentativa de levantamento. Foram presos 5 oficiais e diversos sargentos.—(Havas).

Desastre de aviação

METZ, 1—Um avião militar despenhou-se no solo. Morreram os cinco tripulantes.—(D. N. B.)

AGUA VALE DE CAVALOS
a que mais se recomenda e se impõe pelas suas valiosas analises.
Premiada com medalha de ouro. Rua de S. Bento, 634—Telef. 4 8627.

Um vapor italiano

encalhou nas costas de Inglaterra

LONDRES, 1.—O vapor italiano «Aida Lauro», de quatro mil e quinhentas toneladas, encalhou na noite passada na costa de Cornouailles, por alturas do farol de Penedeen. Fez sinais ás duas horas da manhã e ás três horas anunciou que a casa das maquinas estava debaixo de agua, mas que não havia perigo imediato. A tripulação quere ficar a bordo enquanto fôr possivel. Em socorro do navio naufragado partiu um navio de salvamento.—(D. N. B.).

LONDRES, 1.—Todas as pessoas que se encontravam a bordo do «Aida Lauro», num total de 30, foram salvas pelos salvavidas de Saint Yves. Dois tripulantes recolheram ao hospital com fracturas.—(Havas).

GREVES NO ESTRANGEIRO

O conflito nas fabricas de aço norte-americanas

NOVA YORK, 1—As greves nas fabricas de aço no estado de Indiana, que duravam há mais dum mês, terminaram parcialmente depois da intervenção do governador. O trabalho recomeçou numa das fabricas de aço que ocupava doze mil e quinhentos operarios. As outras fabricas, ocupando um total de oitenta mil operarios, continuam a recusar-se a entrar em negociações com o sindicato Lewis.—

Amador Fotografico

Vá á Roiz Ld.ª entregar os seus rolos para ela lhos revelar e copiar. Entregue-lhe tambem os negativos que deseje ampliar. Verá que fica satisfeito. Roiz, Ld.ª tem os melhores laboratorios do País. 82—Rua Nova do Almada—84. Telefone 2 4670.

A POLITICA HUNGARA

Uma lei sobre a competencia do regente

BUDAPESTE, 1.—A Camara aprovou hoje, por unanimidade de votos, com excepção dos socialistas que se abstiveram, o projecto de lei relativo á eleição e ao aumento dos poderes do regente. Todos os ministros, vestidos com os seus trajos de cerimonia, estavam presentes. Os deputados socialistas deixaram a sala no principio da sessão.

A lei sôbre a competnecia do regente frisa expressamente a independencia do chefe do Estado em relação ao parlamento e concede-lhe o direito de reenviar á Camara as leis que ele já tenha aprovado. As leis não podem, no entanto, ser reenviadas á Camara senão dentro de um periodo de seis meses. O regente tambem está autorizado a propôr três candidatos para a eleição do seu sucessor. No caso de estar vago o lugar do regente, constitui-se um conselho nacional que exerce as funções de chefes de Estado até á eleição dum novo regente. A eleição do regente efectua-se em sessão conjunta das Camaras, que não será publica. O regente recebe juridicamente a competencia dos reis hungaros, com excepção dos direitos de patronagem sobre a Igreja e o de proceder á concessão de titulos de nobreza.—(D. N. B.).

O significado da votação

BUDAPESTE, 1.—O relator do projecto de lei relativo ao regente, anunciou, no inicio da sessão da Camara dos Deputados, que todos os grupos parlamentares tinham decidido votar a lei sem debates. Destacou que era necessario manter mais do que nunca a idéa da realeza nacional, pois só ela pode realizar a verdadeira união de todos os hungaros.

Daranyi, presidente do Conselho agradeceu em nome do governo a atitude da Camara, que prova que a unidade nacional existe em todas as grandes questões e que a nação é capaz de resolver na mais perfeita união todos os grandes problemas.—(D. N. B.).

O REI JORGE VI FOI INVESTIDO

no cargo de Grão-Mestre da Maçonaria britanica

LONDRES, 1.—Nove mil francomaçons da Grande Loja Unida da Inglaterra receberam o rei Jorge VI, em Albert Hall, onde foi investido no cargo de Grão-Mestre. E' a primeira vez que um soberano britanico recebe esta honra.

Eduardo VII e Eduardo VIII já tinham recebido aquela investidura antes da sua ascensão ao trono. Desde a fundação da franco-maçonaria inglesa apenas três personagens receberam a referida dignidade: o duque de Connaught, o rei Oscar da Suecia e o principe herdeiro da Dinamarca, depois Frederico VIII. O rei Jorge VI é maçon desde os 18 anos e Grão-Mestre de Middlessex desde 1924.—(Havas).

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS

provoca o aumento de preço do aço

LONDRES, 1—Devido ás exigencias do programa de rearmamento faz-se sentir na industria uma certa falta de aço, o que fez subir consideravelmente os preços. A sociedade «Austin» que fabrica automoveis, anunciou que a partir de hoje aumentará os seus preços de cinco a quinze por cento, devido á alta que se registou no aço.—(D. N. B.)

O chefe do partido arabe

foi vitima de um atentado

JAFFA, 1.—O chefe do partido moderado arabe, Fekhir Bey Nachachibi, foi gravemente ferido com três tiros por um extremista arabe, num café de Jaffa.—(Havas).

Vôos misteriosos

sobre regiões da Suecia

ESTOCOLMO, 1.—Os jornais anunciam que um grande hidro-avião estrangeiro, provavelmente alemão, sobrevoou Estocolmo e Gothenburgo, na zona militar proibida.—(Havas).

Impostos Camararios

Em referencia ao art.º 604 do Codigo Administrativo, comunicamos aos nossos Ex.mos segurados que, encontrando-se a nossa Companhia legalmente autorizada em Portugal, as suas **apolices isentam da referida colecta.**

Aos segurados "VIDA„ de "A VICTORIA DE BERLIM„ e ao publico em geral, participamos que em caso de não terem ainda efectuado os seus seguros contra INCENDIO, têm toda a conveniencia em realizá-los imediatamente, afim de, além das vantagens gerais que este seguro oferece, obterem a isenção da colecta prevista.

Mais comunicamos, que temos os nossos serviços organizados de forma, a podermos fazer a

Entrega das apolices dentro de 48 horas

após a apresentação da respectiva proposta.

Para mais informações, queiram dirigir-se aos nossos escritorios, ou solicitar a visita de pessoal habilitado, para

Telefone 2 6268 "VICTORIA„

"SOCIEDADE ANONIMA DE SEGUROS CONTRA INCENDIO„

Rua de São Julião, 190-3.º — LISBOA

WHISKY
BLACK & WHITE
PELO MENOS
TÃO BOM
COMO O MELHOR
DE TODOS

White Horse
WHISKY
O melhor de todos

MAURICIO
MOBILIARIO E DECORAÇÕES
As mais elegantes criações
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

2.800
APARELHOS DE RADIOTELEFONIA
FORDSON
importados e vendidos em 6 meses provam a preferencia do publico
— Um sucesso sem precedentes
conseguimo-lo apenas com eloquente propaganda dos nossos clientes e com o sacrificio de lucro na venda de cada unidade para obtermos a compensação num elevado numero de vendas.
— **Vendas com facilidades de pagamento.**
— Aparelhos de 5 a 11 valvulas para todas as correntes e todas as ondas desde Esc. **320$00 a 1.600$00.**
— No seu proprio interesse não deve V. Ex.ª decidir a sua escolha sem visitar a nossa exposição e pedir uma demonstração dum
Radio Fordson
Requisitem o novo catalogo e visitem a exposição dos
Radios Fordson
nos seus representantes:
SOCIEDADE COMERCIAL AVIZ, Ld.ª
Av. da Liberdade, 164, r/c.
LISBOA — Telefone 2 9627

SATURIO PAIVA
Dr. Escola Dentaria de Paris
Doenças da bôca e dos dentes
Prothese — Orthodoncia
R. Santa Justa, 60-2.º
Telef. 24300

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL DA ROCHA
Praia da Rocha
Conforto e bem-estar
Recomendado pelo Automovel Clube de Portugal
Propaganda de Portugal

A GUERRA DE ESPANHA E A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

O governo de Roma não promoverá a retirada dos voluntarios italianos

segundo um artigo do "Popolo d'Italia", cuja autoria se atribui ao Duce

ROMA, 1.—«Só o generalissimo espanhol poderá dar liberdade aos voluntarios italianos para retirarem. O governo italiano não pode fazê-lo e no estado actual das coisas não o fará»—diz um artigo sem assinatura do «Popolo d'Italia» que se atribui, todavia, a Mussolini. O autor do artigo recorda que logo em agosto do ano passado, italianos e alemães entenderam que era indispensavel proibir a partida de voluntarios e retirar os que já se encontravam em Espanha. Mas no segundo semestre de 1936, chegavam a Espanha 50.000 voluntarios de diversos pontos da Europa e sobretudo da França. Foi só no fim de 1936 que partiram os primeiros voluntarios italianos. Depois da proposta—continua o artigo—de se proibir a partida de voluntarios, em fevereiro de 1937, a Italia respeitou o acôrdo ao passo que a França, particularmente, o violou abertamente. «A idéa inglesa—acrescenta—de se chamar os voluntarios é uma puerilidade desoladora e denota uma ignorancia historica impossivel de ultrapassar. Quem tem o poder de chamar os punhados de expatriados italianos, franceses, suiços e judeus sem patria, que escapam á acção de todos os governos? Os voluntarios italianos não foram enviados pelo governo italiano e este, portanto, não pode chama-los. Dependem de Franco, que é o unico a poder, antes ou depois da vitoria, dispensá-los da obrigação moral imperativa que tomaram. O governo italiano não pode fazê-lo no estado actual das coisas e não o fará. Nós dizemos que tudo o que podia fazer-se, do lado francês e inglês, para dar a vitoria aos bolchevistas de Valencia, fez-se—conclui o artigo—e acrecscentamos que do lado italiano e alemão tudo quanto podia fazer-se para se isolar o incendio espanhol, fez-se. Tem a ultima palavra—a palavra decisiva—o canhão. Uma nova grande Espanha surge do sangue e das ruinas. A tentativa bolchevista de invasão do Mediterraneo foi entravada».—(Havas).

Raparigas nacionalistas percorrem as ruas de Bilbao, levando á frente uma grande bandeira vermelha e ouro

Em Italia espera-se para amanhã o golpe de misericordia na fiscalização

ROMA, 1.—A Imprensa de hoje declara que a politica de não-intervenção levou na realidade tudo para uma «crise de confiança». Considera-se em geral como certo que o «comité» de não-intervenção não terá mais do que verificar e confirmar o fim do sistema de «contrôle». A Imprensa fala tambem numa «debacle» completa do sistema de não-intervenção.

O «Messagero» escreve que desde o dia em que Londres e Paris julgaram que se poderia deixar tudo tal e qual como estava, apesar do bombardeamento dos navios alemães e italianos, não só a confiança na não-intervenção mas a propria não-intervenção, desmoronaram-se. Declara-se unanimemente que a Italia e a Alemanha repelirão as propostas franco-britanicas para o «contrôle» e que aguardarão novas propostas que sejam feitas por aquelas duas potencias.—(D. N. B.).

A atitude do governo britanico perante o conflito espanhol

LONDRES, 1.—Anuncia-se que o gabinete não tomou, na sua sessão de ontem, nenhuma decisão definitiva sobre a Espanha, visto que o «Comité» de não-intervenção se reune esta manhã.

Segundo uma informação da Reuter, considera-se improvavel, nos meios da Camara dos Comuns, que a Gran Bretanha reconheça os dois partidos espanhois como beligerantes e se declare neutral. O governo esforça-se, antes de tudo, para tornar eficaz a não-intervenção.

O «Daily Telegraph» anuncia que o governo, no caso do sistema de «contrôle» ser abandonado, estará talvez disposto a reconhecer os dois partidos como beligerantes. Calcula-se, nos meios politicos, que a Alemanha e a Italia proporão ao «Comité» de não-intervenção o abandono completo do «contrôle» maritimo, que se revelou ineficaz e provocou incidentes. Se o «comité» aprovar esta maneira de ver, deve ser abandonado tambem o «contrôle» terrestre.

O «News Chronicle» escreve que a Inglaterra não reconheceu a Franco a qualidade de beligerante, com receio de encorajar a Alemanha e a Italia, e isto apesar de varios membros do gabinete britanico desejarem a vitoria dos nacionalistas espanhois.—(D. N. B.).

O reconhecimento da beligerancia a Valencia e a Salamanca

PARIS, 1.—A situação em Espanha ocupa ainda a atenção dos jornais.

«Le Jour» escreve: «Consta que os ingleses vão propôr ás potencias o reconhecimento da beligerancia a Valencia e a Salamanca. Em contra-partida pediriam ás mesmas potencias que observem, de futuro, a neutralidade absoluta na questão de Espanha. Se esta proposta fosse aceite, diz, encontrar-nos-iamos perante uma situação nova. Seria unicamente preciso que, ao cabo de alguns dias, um Estado não traisse os seus compromissos, pois em tal caso levantar-se-ia um problema duma gravidade tremenda».

No «Echo de Paris» Pertinax escreve: «A neutralidade de todos os paises seria meramente ficticia, se os estrangeiros que combatem em Espanha não fossem previamente retirados. A intervenção italo-alemã, na pratica, desenvolver-se-ia com maior facilidade do que nunca. Relativamente ás nossas linhas de comunicação no Mediterraneo e ás inglesas, a ameaça tornar-se-ia muito maior».

O «Populaire» diz: «A neutralidade não será mais respeitada do que a não-intervenção e a supressão total da fiscalização não fará senão incitar os Estados fascistas a apoiar, por todos os meios, o seu amigo Franco.—(Havas).

Aguarda-se com interesse a reunião da Comissão de não-intervenção

LONDRES, 1.—E' aguardade com crescente interesse a reunião de hoje da sub-comissão de não-intervenção, em que se espera que seja tomada uma decisão definitiva acerca da oferta anglo-francesa para o preenchimento da lacuna aberta no sistema de fiscalização pela retirada da Alemanha e da Italia.

Considera-se aqui que a fiscalização é a feição essencial da não-intervenção. Parece que se está discutindo em Roma e Berlim a possibilidade de conjurar as medidas de não-intervenção, sem fiscalização naval, com o reconhecimento dos direitos de beligerancia. Não se vê, porém, possibilidade da Gran Bretanha e a França concordarem com essa solução. Pensa-se aqui que a sau execução seria parcial, por isso que, enquanto a fronteira francesa continuava fechada, o general Franco poderia obter auxilio pelo mar, em consequencia do reconhecimento da beligerancia.

Os meios autorizados de Londres são de opinião que não se pode depositar confiança na eficacia da não-intervenção, sem que haja a fiscalização naval. Diz-se, portanto, que tanto a França como a Inglaterra só poderão continuar a defender a não-intervenção, desde o momento que haja fiscalização.

Tudo quanto se pode afirmar com segurança, é que na reunião de sexta feira da Comissão de não-intervenção aqueles dois países tornarão a apresentar a sua proposta no sentido de se preencher a lacuna do sistema de fiscalização e que, no caso de ela não ser aceite, a França e a Inglaterra reservarão a sua atitude, quanto á não-intervenção. Se o plano na não-intervenção fôr abandonado, diz-se aqui, é de prever uma mudança fundamental da situação e a Alemanha e a Italia não ignoram, certamente, a facilidade com que os armamentos chegariam ás mãos do governo de Valencia. Os governos britanico e francês desejam que a não-intervenção continui.

Com respeito ao reconhecimento dos direitos dos beligerantes, Londres diz que é conveniente relembrar que a presença de estrangeiros nos exercitos inimigos espanhois distingue esta guerra civil duma guerra civil vulgar. Se estes combatentes estrangeiros, acrescentam os circulos autorizados de Londres, começassem a retirar dos campos de batalha espanhois, então o caso dos direitos de beligerancia seria diferente.—(Havas).

O Congresso da Federação Sindical Internacional ocupou-se da guerra de Espanha

VARSOVIA, 1.—Sob a presidencia de Walter Citrine e com a presença de 42 delegados de 17 paises, abriu-se em Varsovia a sessão anual do Conselho da Federação Sindical Internacional. Os delegados espanhois foram presos na fronteira, por causa de formalidades relativas aos passaportes.

No discurso de abertura o presidente frisou que a paz só pode ser defendida pela força material das democracias. Disse que é um facto o recuo do fascismo devido ao reforço material das democracias.

Procedeu-se seguidamente á leitura do relatorio, em que se expõem as criticas de Leon Jouhaux, relativamente ás duas questões essenciais: guerra de Espanha e semana de 40 horas, em que a acção da Federação não teve a amplidão e o vigor necessarios. Os relatorios dos secretariados acusam que, no fim de abril, as subscrições recolhidas para Espanha se elevaram a 18.800.000 francos, não incluindo os 7.300.000 francos obtidos pela C. G. T. de França.

O Conselho aprovou uma proposta francesa para que se dirigisse convite aos sindicatos da U. R. S. S. no sentido de aderirem á Federação.—(Havas).

O governo de Burgos visitou Bilbao

BILBAO, 1.—Radio Bilbao comunica: A Junta Nacional de Burgos visitou Bilbao, ontem, sendo recebida na estação por enorme multidão. Durante o percurso foi igualmente alvo de grandes manifestações, tendo discursado, o general Lopez Pinto. O general Moreno Calderon continuou viagem para Irun onde foi inaugurar o monumento ao general Mola. Depois de recebidos pelas autoridades civis e militares, os generais Lopez Pinto e Solchaga passaram revista ás forças armadas e falaram aos assistentes, que os aclamaram. O cortejo dirigiu-se depois para a margem esquerda do Nervion para assistir á inauguração da ponte recentemente construida. A's 17 horas a Junta regressou a Bilbao, donde saiu ás 18 horas e 30 minutos, excepto o general Solchaga que ficou na capital. —(Havas).

O abastecimento e a reconstrução da capital

MADRID, 1.—O ministro das Comunicações, Giner de los Rios, que se encontra em Madrid, fez declarações á Imprensa sobre a melhoria dos serviços de transportes e sobre a criação de um novo «comité» encarregado da reconstrução da capital, de que é presidente Julian Besteiro. Agradeceu ao conselho municipal de Madrid o auxilio prestado e disse esperar que, dentro em breve, se normalise o abastecimento da capital. Quanto á sua reconstrução, Giner de los Rios declarou que vai ocupar-se de proteger, sanear e reconstruir os edificios e casas atingidas pelos bombardeamentos.—(Havas).

Julgamento de um bandido

SALAMANCA, 1.—Começou em Sevilha o Conselho de Guerra que julga Agapito Garcia Atadell, ex-presidente duma «checa» madrilena e chefe da brigada «Amanhecer». Foi preso nas Canarias a bordo do «Mexico» em que fugia com o produto dos roubos que mandou perpetrar. As provas são irrefutaveis. Está provado que Atadell cometeu muitos latrocinios e assassinios. Atadell era chefe tecnico do Partido Socialista com o ordenado de 850 pesetas mensais.—(Havas).

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

«Barão de S. Maduro», colaborador muito distinto, posto que eventual do «Diario de Lisboa»—pseudonimo que envolve o nome de um titular, já vindo a publico, mas que não importa agora repetir—um espirito muito interessante e culto, tradicionalista e cheio de bom senso, correctissimo e discreto, teve a amabilidade de dirigir ao modesto autor deas Ptagina uma «carta aberta» que o jornal «A Voz» publicou, e que, antes, eu recebera directamente.

Na minha ultima «Pagina», a proposito da estadia em Portugal de estudantes das Colonias, eu escrevi (não tenho agora o original á vista) que a Portugal se chama, na Africa portugueas, simplesmente «Metropole», «o que não me parece bem».

E' a proposito de «não me parecer bem» que por Africa, e quando se alude á Mãi-Patria se dizer simplesmente «Metropole»—que Barão de S. Maduro discorre, fundamentando-se em passos da Historia, nem todos ajustados á causa em questão, para afinal concluir, apelando ainda delicadamente para a minha revisão, que a minha observação (aliás incidental) não é justa.

Digo já: quem tem razão é o meu contraditor.

E esta franqueza poderia equivaler a uma confissão de inconsciencia ou de precipitação no que eu escrevo, se não se désse a circunstancia de o meu pensamento, aliás fortuito, não ter saido bem expresso, percalço que sucede mesmo aos que escrevem repousadamente.

Com efeito Metropole, no seu significado etimologico de cabeça, cidade capital, nação considerada em relação a colonias—é a Mãi-Patria, e, como tal, envolve o significado Portugal.

A observação que provoquei no ilustre Barão de S. Maduro é justa, em face do que escrevi.

E nem eu quero agora distender o assunto. Mas sempre acrescento: o colonial longe da Patria diz invariavelmente, diz sempre, que vem á Metropole, que precisa fazer uma cura de repouso na Metropole, e nunca diz vou a Portugal, recebi noticias de Portugal.

E diz bem. Simplesmente a insistencia no emprego do vocabulo, a sua utilização constante fazem esquecer a palavra, que não a idéa, de «Portugal». Talvez daí o meu reparo, tão passageiro e solto que em verdade não merecia acrescentamento de materia.

A nós, inveterados metropolitanos, se nos acontece estar em Cabo Verde, nos Açores, na Madeira, e tencionamos regressar, dizemos «volto para Portugal».

E não é novidade, mesmo quando um de nós, colonial ou não, se encontra em paragens distantes, continuação da Patria, prolongamento da Nação.

No tempo do Brasil português o padre Antonio Vieira escrevia que recebera cartas «do Reino», outras vezes «de Portugal», e em muitas ocasiões «dessa Côrte» e ainda «de Lisboa». «Da Metropole»—nunca, que eu tivesse visto.

Ha mesmo um passo definitivo para o nosso caso:

«Das coisas publicas não digo a Vossa Mercê mais que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal», e mais adiante na mesma carta (LXXVIII do tomo III) «... é manifesta injustiça que crescendo as (cousas) de lá, e as de Angola cento por cento mais, se queira no mesmo tempo que toda a baixa das drogas seja a do Brasil: por certo que não é este arbitrio muito conforme aos receios que «de Portugal» se escrevem sobre a contingencia...», etc.

Mas isto pouca importancia tem. Quiz ficar apenas de bem com a minha consciencia, não constituindo o socorro que me deu padre Antonio Vieira motivo para eu reforçar o que escrito ficou ha oito dias.

Metropole—está bem.

Portugal—estaria muito melhor. Sôa e tem um fundo vigoroso da raça.

Resta-nos ainda saber se os ingleses, por exemplo, da India ou da Rodesia, quando regressam, dizem que voltam á Gran Bretanha ou que retornam—á Metropole, não me parecendo que para o caso influa muito a situação juridica dos dominios.

E muito obrigado pela atenção que a carta aberta de Barão de S. Maduro não deixa de representar, renovando-lhe os «emboras» que ha dias, pessoalmente lhe transmiti, no monumento das Aguas Livres, a proposito do meu apagado estudo sobre S. Vicente.

* * *

Insistir é mais que um direito, é um dever de quem pensa bem, ou supõe que pensa, pois é esta suposição já a suficiente verdade que cada um trás consigo «até» prova em contrario, e esta limitação abstrai, evidentemente, da teimosia ou da má fé.

Perdoe-se-me, portanto, que eu repize.

O regionalismo, que é a expressão popular localizada e irradiante cresce de adeptos. Ele comporta um mundo de beleza, multiplica-se em sugestões, transforma-se em realidades não apenas decorativas, abre-se em possibilidades novas, deslumbra e ensina. A força popular do regionalismo, de um sentido artistico puro, imperfeito de formas ás vezes mas nunca grosseiro, esteve muito tempo por descobrir, ou, já revelada, mal compreendida.

Entre o que é literario e o que é popular—eu vou, mesmo como homem de letras, pelo popular, porque este comporta a intuição e a raiz literaria, exuberante de expontaneidade, e aquele (o literario) nunca, e só o poder do talento (ha casos) logra criar excepções.

O literato puro é um homem de imaginação brilhante mas vazia; as pernadas do corpo da sua obra resultam como as lindas turqueses, antenas ou «braços» airosas de certos crustaceos nalgumas epocas do ano—chochos.

E se o simile vos parece precario, eu comparo a obra dos literatos de oficina a um trecho musical arrancado de um violino—sem caixa de som.

O segredo do triunfo de todos, mas de todos os escritores e homens de letras que perduram (e que parecem arredios do «popular», ou dele desdenhosos), mesmo o critico, o ensaista, o proprio cientista—está em que interpretam esse «popular», ou o contêm em particulas dispersas da sua obra, e um dia o constataram pela sua preferencia mental e na discreta afectuosidade da sua indole, que se não confessa.

O literato puro—aquele que se constitui elemento de uma fama «muito seleccionada» dos que neste mundo doloroso fazem a vida intelectual—é um trabalhador respeitavel, porque sofre como os outros.

Mas é pouco isso de sofrer; é mais alta a missão das literaturas do que expor bizarrias e originalidades no bazar fragil das artes decorativas do pensamento.

E aplique-se á musica e a todas as artes o conceito, que mais certo fica.

Os que supõem que o popular está apenas na «melodia»—enganam-se. Onde ele está é na harmonia.

Mas eu reato. O regionalismo está «na moda», e esta moda não é artificiosa, fugaz, passageira como um estribilho, ou um distico, ou o nó de uma gravata.

Esta «moda» é uma reintegração!

* * *

Eu já escrevi, creio, e disse-o uma vez em Vizeu num grande banquete no qual me tocou falar, já nem sei porquê—que o regionalismo erguia fronteiras de provincia para provincia, de distrito para distrito.

Essa especie de regionalismo anti-nacional, que cria rotulos, instala barreiras, divide o povo de região para região, e até chegou a estabelecer «impostos» odientos—tende a morrer, obra de economistas superficiais, oportunistas, ou de lunaticos que entendem que sem a sua região «tão bela, tão rica, tão gloriosa, tão amiguinha dos governos»—Portugal não existia.

Isso não era regionalismo, e vai morrer, e assim morressem todos os preconceitos divisorios que surgem de onde a onde para afligir os homens que querem pensar bem, sem nunca chegarem a ser emigrados na propria terra natal.

Beleza e regionalismo

A alegria existe no regionalismo imaculado cuja expressão nasceu de um jeito racico de trovar e bailar; chamem-lhe folclore ou chamem-lhe simplesmente pitoresco.

São as papoulas do grande trigal da vida portuguesa, que enfeitam, alegram os olhos, compõem o quadro, duram duas noites—e são eternas.

E ha quem se lembre de espetar na terra gretada e generosa das searas, flores de papel, eriçadas em arame, especie de espantalho que ofende a espiga alourada do grão natural, e cujo pé quando se crava no torrão que o arado sulcou parece um espinho sangrante na polpa de uma carnação inocente!

* * *

As canções, as redondilhas, os motetes, as desgarradas; as flores, as mulheres, os atavios; os coros, o movimento e a côr; o ingenuo, o pitoresco e o artistico; a superficie visual, o fundo penetrante de atavismo bom—residem por força de um destino nas manifestações populares do regionalismo, que tem nas cidades o seu correspondente no bairrismo local, e que quando «peregrina» veste a samarra regional.

O admiravel cortejo folcloricc da organização da Emissora Nacional, como antes no Porto o belo cortejo de encerramento da Exposição Colonial—foram a prova de que o interesse objectivo do regionalismo, recemdescoberto, estava por explorar como espectaculo estimulante, que nos compense das tristezas do formal transitorio.

Já nas Festas de Lisboa de 1935 o cortejo nautico fôra uma tentativa coroada de exito, e que só aquela especie de indiferença a que anda votado o nosso Tejo, não deu maior realce, mais justo realce.

Há dias um grupo simpatico de Aveiro, só por ser regionalista, espontaneo, popular, encheu a deitar por fora, três noites, o Coliseu dos Recreios.

Está em organização a segunda Festa Vindimaria, em Lisboa, pretexto para exibição de algumas graças tipicas, regionais, da provincia e dos termos da Extremadura, com seus ranchos das regiões vinicolas, seus cantares, seus trajos, suas louçanias garridas, seus harmonios e sua mocidade estuante de saude.

Ela que venha a Festa Vindimaria!

E venha tudo quanto é belo ou simplesmente bonito. E venham os artistas e os poetas ensinar e aprender, e venham todos os que andam á superficie da vida, com missão de orientadores, ver a razão que teimosamente nos assiste (somos muitos a pensar assim, não sou só eu) quando proclamamos que sem povo, tudo é falso, e que é dele que nascem estas duas virtudes: ser bom e ser alegre, que sentido cristão mais puro não há.

NORBERTO DE ARAUJO

CASINO ESTORIL

AOS SABADOS: Jantar á Americana Preço: Esc. 20$00

AOS DOMINGOS: Jantar dançante Preço Esc. 12$00

Orquestra Portugal

Todos os dias: De tarde, chá-dançante e á noite Baile e Cinema.

Bilhetes especiais, Lisboa-Estoril e volta em 2.ª classe, com direito a transporte da Estação ao Casino entrada no Casino e um vale de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino. A' venda todos os dias nas bilheteiras do Cais do Sodre a Esc. 12$50.

Grande Hotel d'Italia

Monte Estoril

Aberto todo o Ano

Nova Direcção Tecnica. Situação excelente. Linda vista sobre o mar. Esmerado serviço de cosinha. Serviços especiais de Chás e Banquetes. Preços moderados. Telefone: Estoril, 13.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

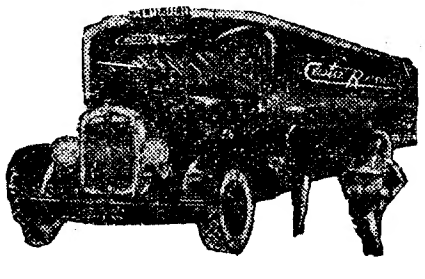
Dr. Alvaro Campos

Clinica medica, diatermia, ondas curtas e extra-curtas (fisioterapia) raios infra-vermelhos, raios ultra-violetas e ar quente.

Consultorio e residencia:
R. das Picôas, 74, 2.º, Dt.º— Telef. 4 4741

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 4.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais Carros especiais para mobilias.

Porto — *R. Guerra Junqueiro, 7* — Telef. 1854

Lisboa — *R. S. Julião, 34, 36* — Telef. 2 7200

LONGINES

Sempre na vanguarda das bôas marcas

10 GRANDS PRIX

Cooperativa Portuguesa de Viação

A Cooperativa Portuguesa de Viação representou aos srs. Presidente do Conselho e ministro das Obras Publicas contra uma interpretação oficial, recentemente publicada, que a dava como inhibida de realizar os seus fins estatutários, bem como a outras cooperativas, por não poder explorar transportes publicos colectivos.

A Direcção da Cooperativa, recebida há dias pelo sr. dr. Leal Marques, chefe de gabinete da Presidencia do Conselho, declarou, em nome dos seus 16 mil associados, que está legalmente constituida e que o seu principal objectivo é fazer a exploração de transportes particulares, nos termos do decreto 23.499, sem intuitos comerciais e apenas para utilização dos seus socios. Acrescentou que, em tais condições, e dentro de uma recente decisão do Supremo Tribunal Administrativo, não colidem com os direitos que a Lei lhe reconhece nem com os seus objectivos os exclusivos de exploração de transportes publicos colectivos assegurados a varias empresas pelos corpos administrativo.

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros **«O TRABALHO»**

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211 — PORTO

Delegação em Lisboa:

J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.ª

Praça Duque da Terceira, 24

Amigos de Lisboa

Visita á ermida de Santo Amaro

Foi em 1542 que para o ocidente da ribeira de Alcantara, numa elevação de terreno, junto á margem norte do Tejo, se edificou uma ermidazinha dedicada a anto Amaro. Começou logo porém a ser visitada por tantos devotos, começaram logo as romarias a confluir para a nova ermida com tanta frequencia, que algum tempo passado, pensou-se em crigir no mesmo local uma outra muito maior. Assim, em 1549, isto é, sete anos depois da primeira edificação, em 12 de fevereiro principiou-se a construir uma nova ermida, passando a antiga a servir de sacristia.

E' esta ermida, uma das mais antigas e das mais interessantes da cidade, que os «Amigos de Lisboa» vão visitar no proximo domingo, dia 4, onde ouvirão a sua historia curiosissima feita pelo sr. Luiz Moita, socio do Grupo.

Os visitantes serão recebidos por Monsenhor Pinheiro Marques, prior da igreja de S. Pedro em Alcantara e pela Mesa da Irmandade do Santissimo da mesma paroquial, que é a administradora da ermida.

A concentração far-se-á ás 15 horas no Alto de Santo Amaro, sendo a visita destinada apenas aos socios e pessoas de suas familias.

GRUPO «SECTOR 1»

No proximo sabado, realiza-se, no Grupo Tauromaquico Sector 1, mais um baile, abrilhantado pela magnifica orquestra-jazz «Broadway». Todos os dias se póde proceder á marcação de lugares na séde do Grupo.

MUSICA

Audição de alunos

No Gremio Lirico Português, por entre a animação peculiar a este genero de apresentações, realizou-se a costumada audição anual dos alunos da professora e pianista Claudina Tavares de Almeida Reich. Muitas, principiantes ainda, tomam contacto com o publico que as premeia carinhosamente, e no seu intimo, a professora sente com as alunas que mais e melhor trabalharam a compreensão do seu constante esfôrço. Para quem escreve, destacar agora uma ou outra será prematuro.

Das alunas dum grau mais adiantado, M. Sofia Ferreira Veloso e Angelica Delgado mostraram apreciaveis qualidades de dedilhação; seguiram-se-lhes M. Joana Patricio Malta, (um estudo e «A Balada em sol». de Chopin), que nos pareceu estudiosa e séria. a par de inegavel habilidade, e Carlos Miranda (outro estudo e a «Polaca lá b», do mesmo Chopin), que tem vocação, — um belo ritmo, evidenciando o valor dum Solfejo bem medido e bem acentuado.

Terminou a audição com a «Ciuta», de Viana da Mota: o «Clair de Lune», de Debussy, e «Souhait d'une jeune fille», de Chopin-Liszt, por Claudina de Almeida Reich, em quem aplaudimos uma grande leveza da mão direita e uma poetica sensibilidade. — F. B.

As tarifas telefonicas

A União Hoteleira de Portugal entregou ao sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações uma reclamação sobre a alteração do regime de tarifas da Companhia dos Telefones.

Esta reclamação secunda em absoluto a que foi dirigida pela Associação Comercial de Lisboa á Direcção daquela Companhia.

BANCO LISBOA & AÇORES

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL ESC. 10.000.000$00

Dividendo do 1.º semestre de 1937

(Escudos 6$00 por acção)

O pagamento deste dividendo, cativo de imposto sobre aplicação de capitais e de avenças de selo de averbamento e contribuição de registo, efectuar-se-á todos os dias uteis, a partir de 1 de Julho p. f. Nas acções nominativas ou averbadas ao portador o imposto sobre aplicação de capitais é de Esc. $60. A avença de selo de averbamento, que incide somente sobre acções **nominativas**, é de Esc. $05, e a avença de contribuição de registo que incide sómente sobre acções ao **portador**, é de Esc. $30. Os Senhores Accionistas devem preencher os recibos pela importancia liquida, pagando-se por cada acção **Nominativa** a quantia de **Esc. 5$35** e por cada acção ao **Portador** a quantia de **Esc. 5$ 0**

Em Lisboa, na Sede do Banco, Rua Aurea, n.º 88 — No Porto, na Filial, Avenida das Nações Aliadas.

Lisboa, 28 de Junho da 1937.

Pelo Banco Lisboa & Açores
Os Directores
(a) *A. de Vasconcelos Correia*
(a) *J. de Cardenas Guedes.*

Empreza Maritima do Norte Limitada

Vapor

PADUA

sairá no proximo dia 6 de Julho, recebendo carga para:

PORTO (DOURO)

Para tratar:

Companhia Colonial de Navegação
Rua do Instituto Virgilio Machado, 14

Telefone 2 0051

A SUA ARMA NECESSITA CONSERTO?

Examine-a e verifique se precisa de qualquer reparação.

A nossa casa recebe qualquer arma para conserto, dando orçamentos gratis.

Trabalhos executados por "espingardeiros" especialistas.

Não entregue a sua arma a qualquer curioso.

CAÇADORES

A-fim-de não demorar muito o conserto da sua espingarda, lembramos que a mande consertar quanto antes.

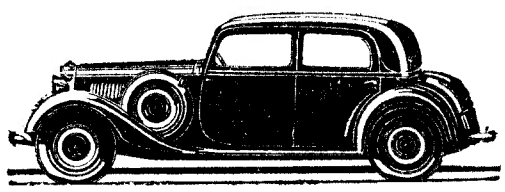
A nossa casa garante os seus consertos

A. M. SILVA

R. da Betesga, 67 — Telef. 2 5424

Máximo confôrto na Estrada e na Cidade caracterisa todos os

"MERCEDES-BENZ"

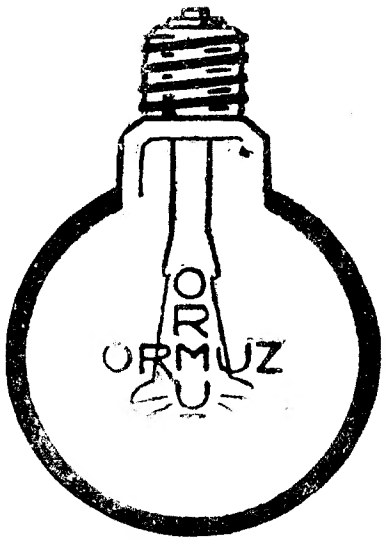


Desde o carro Utilitário, que custa Esc. 38.000$00 até ao Grande "MERCEDES"

Em exposição:

Stand Mercedes-Benz { LISBOA—T. de S. Mamede 29-31 / PORTO—R. Augusto Rosa 178-182

Agencia Mercedes-Benz
R. Sapateiros, 39-2.º—LISBOA



ORMUZ

E' a unica marca que troca as lampadas quando se fundem!

Consumo minimo e luz abundante, sujeitas a todas as provas!

Deite fora as lampadas ordinarias e compre ORMUZ. Ganhará muito dinheiro.

Representante, Portugal e Colonias:

Mario Esteves

Telefone 2 4469

Largo de S. Julião, 12

Lisboa

A LUTUOSA DE PORTUGAL

(Associação de Socorros Mútuos)

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1927

SEDE EM PROPRIEDADE - Avenida das Nações Aliadas, 168 - PORTO

ASSEGURA O FUTURO DE VOSSAS FAMÍLIAS

Admite associados de ambos os sexos desde os 16 aos 45 anos

Concede subsidios únicos de

5 - 10 - 15 - 20 - 25 ou 30 contos

pagáveis aos herdeiros ou beneficiários dos associados

População associativa em 31/V/1937....	13.510	Sócios
Fundos capitalizados » » » »	13 003	Contos
Subsidios pagos até » » »	24.524	»

Cotização mensal acessivel a tôdas as bôlsas e em relação à idade e ao subsidio em que se inscrevem

Enviam-se propostas e tabelas de cotização a quem as pedir

Correspondente em Lisboa:

AURELIO TEIXEIRA — Rua dos Douradores, 21-1.º

Telefone 2 7615

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Adelaide da Rocha Viana Quintela, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Emilia Marques Guimarães de Anciães Proença, D. Maria Luiza Ripamonte de Oliveira, D. Maria do O' de Alarcão, D. Henriqueta da Fonseca de Andrade, D. Maria da Piedade Lemos de Mendonça Amaral, D. Maria Francisca de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Beatriz Lobo de Miranda Trigueiros, D. Maria Alice Moreira de Almeida e D. Maria do Carmo da Costa Lobo de Noronha.

PONTOS DE REUNIÃO

No São Luiz Cine

Assistencia elegante á estreia do novo programa neste «cine» da rua Antonio Maria Cardoso:

Condessa de Arge, condessa das Alcaçovas (D. Catarina), condessa de Farrobo, viscondessa de Tojal, baronesa de Gondar, D. Angela Carvajal Teles da Silva, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Maria Amelia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Maria Amelia Santa Rita Gomes Neto e filha, senhora do coronel Baptista Coelho, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Margerith May de Carvalho, D. Octavia Fuschini de Lima Mayer e filha, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Maria Candida Ribeiro Lopes, D. Maria Henriqueta Galvão de Sá Ferreira Infante da Camara, D. Maria de Lourdes Infante da Camara Duarte de Oliveira, D. Helena de Lima Mayer Corrêa Henriques, D. Ana Mayer de Pina, D. Amelia Rey Colaço Robles Monteiro, D. Ester Machado da Cruz de Oliveira Duarte, D. Maria Antonia de Sousa Pires Rebelo, D. Lina de Almeida, D. Maria José Graça Ribeiro Ferreira, D. Maria da Gloria Vaz Monteiro da Silva Avelar, D. Izabel Lalletmant de Figueiredo, D. Maria José Vaz Monteiro da Silva Nazaré, D. Maria Reynolds Anjos (Fontalva) e irmãs, D. Maria do Carmo Morais Palmeiro (Regaleira), D. Maria José Sotto Mayor Pinto Basto, D. Fabia Garcia Peres e filha, D. Maria Margarida Deslandes Costa, D. Julieta Pinto Soares, etc.

CONCERTO ELEGANTE

No salão de festas do Conservatorio Nacional de Musica, realiza-se na noite de 5 do corrente, patrocinado pelo ilustre embaixador do Brasil, em Portugal, um concerto do notavel violinista brasileiro Isaac Feldman, para o qual estão já tomados grande numero de bilhetes, não só pelas principais familias da nossa sociedade elegante como tambem do corpo diplomatico.

Biscoito Parisiense

O unico que se impõe. Exija da marca «CERES». A' venda em toda a parte. Pacote, 1$20.

A CASA PIA COMEÇOU HOJE

a comemorar o seu 157.º aniversario

Começaram hoje as festas comemorativas do 157.º aniversario da Casa Pia de Lisboa, que coincide com o 17.º aniversario do Casa Pia Atletico Club (Ateneu Casapiano).

A's 10 e 30, juntaram-se á porta do cemiterio do Alto de São João numerosos professores e alunos da Casa Pia e antigos alunos que se dirigiram depois aos tumulos do intendente Pina Manique, fundador daquele modelar estabelecimento de assistencia, e doutros homens a quem muito ficou devendo a Casa Pia.

A's 21 e 30, realiza-se, na piscina do Sport Algés e Dafundo, com a assistencia de entidades oficiais, da banda e dum grupo de alunos da Casa Pia, um festival de natação, em que colaboram o Casa Pia Atletico Club, o Sport Algés e Dafundo, o Club Nacional de Natação, o Club Naval de Lisboa, «Os Belenenses», o Sport Lisboa e Benfica, o Carcavelinhos e o Adicense que inscreveram os seus melhores nadadores. Serão disputadas três taças: «Casa Pia Atletico Club», «José de Carvalho» e «Joaquim Marques».

O programa é o seguinte:

33 metros bruços inter-alunos da Casa Pia de Lisboa; 4x66 metros principiantes, inter-clubes; 100 metros bruços homens, inter-clubes; 66 metros livres senhoras; 3x33 metros estilos infantis, inter-clubes; 100 metros, inter-clubes; 3x100 metros estilos, inter-clubes; 100 metros bruços, inter-alunos da C. P. de Lisboa e socios do Clube; 10x33 metros livres, inter-clubes; demonstrações de salvamento a naufragos pela brilhante «équipe» do Clube Nacional de Natação, e saltos artisticos.

Depois de amanhã, sabado, ás 20 horas, realiza-se, no restaurante Regina, um jantar de confraternização, e ás 22 horas haverá um baile no Club, abrilhantado por uma orquestra.

No domingo, 4, ás 16 horas, celebrar-se-á um sessão solene na Sociedade de Geografia de em que falarão diversos casapianos, havendo depois uma exibição das classes de gimnastica.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

TEMAS POLITICOS

O CHEFE

Esquadrinhando a comunidade nas mais diversas especies de seres vivos, encontram-se sempre individuos seleccionados por motivos de ordem natural, impondo os seus dotes a todos quantos os rodeiam e lhes prestam obediencia.

Essa selecção, indispensavel para boa orientação das suas actividades, é talvez perfeita em toda a escala animal, até o homem. A distinção entre os homens é feita normalmente por assembleias, por vezes de acertado criterio. Os chefes impostos pelas convenções sociais, nascidos da vontade dos agrupamentos ou por quaisquer outras formas de laboração humana, mais ou menos convencionais, podem cumprir quando conseguem integrar-se em seus misteres por amparo das suas qualidades. E' todavia, um produto falsificado com exagerada frequencia. O chefe que se fixa na historia, que se impõe por si mesmo, pelos seus valores morais e intelectuais, despertando nas multidões sentimentos de veneração, respeito e gratidão, exaltando vibrações de entusiasmo pela sua eloquencia material e espiritual, talhando com clara visão e firme vontade os planos de construção social, fixando a disciplina e a ordem em todas as circunstancias com espraiamentos de alegria, esse surge per si, da massa, sem chamadas protectoras. São esses homens que, na Paz e na Guerra, orientam as nossas virtudes e limitam os nossos defeitos. São eles que vão cinzelando, os capitulos da Historia, acrescida na sua grandeza pelos feitos que as gerações vão acumulando através do espaço e do tempo. São eles que preparam as forças que não temem embates nem ameaças de estranhos, e quaisquer que sejam essas forças criadas e robustecidas pelos seus instintos, elas deverão ser de tal maneira espessas na sua solidez e manobraveis na sua elasticidade, que o poder da sua presença evite o embate da sua acção material.

....

«Mostrar a força para evitar o seu emprego».

A simplicidade desta frase portadora de um forte sentido psicologico dá-nos uma ideia precisa do poder do Chefe.

O dominio dos seus actos carreando simpatias que aquecem a algidez do desespero e do desanimo, é virtuosidade que se pode cultivar para logico aproveitamento de todos, dos dirigidos, mas nunca facil de vazar em moldes criados pela vontade ou fantasia dum individuo ou dum grupo.

As sociedades despegadas pelo natural irrequietismo dos seus elementos, aglutinam-se com jubilo ao redor daqueles que estão aptos, por conjunto de qualidades morais e intelectuais, isto é, por formação psiquica de bom adorno, a serem condutores de homens, sem que, teimosamente, haja que os empurrar ao forçado redil dos interesses colectivos. Para esse, chega a ser despauterio o aparecimento de reclamistas de pouca monta ou rendilhadas prosas de enfatuados titulos. O Chefe surge perante o nosso espirito disciplinado pela evidencia das suas possibilidades que voluntariamente e de bom gosto aceitamos para orientação das nossas virtudes.

E' dificil, é perigoso mesmo, impôr alguem como chefe por simples colamento dum rotulo, por mais gritante que sejam as cores que nele escorrem.

Os resultados são contraproducentes e podem atear o desrespeito e a insubordinação.

Nas epocas mais fartas de incertezas, nos momentos mais agitados da vida, nas regiões onde vive o desanimo, nos estremecimentos dolorosos da ruina, queimam-se os homens e erguem-se os chefes. São os grandes acontecimentos que melhor vincam a personalidade dos que distinguimos por voluntaria obediencia ao seu mando.

As fogueira de crudezas que crispam a nossa sensibilidade libertando a furia e o pavor, são elas que eliminam a aureola do chefe, lançando-lhe o desafio da luta a estabelecer pelas suas forças. Fica por ela definido o campo da sua acção com vitoria das suas faculdades.

A luta continua, no entanto, com mutação de adversario.

A todo o momento se começam a sentir os efeitos da actividade do vencedor e daqueles que pretendem entravar ou destruir as suas obras criadoras.

A consagração oficial normalmente vem tarde. A mentalidade dos chefes é, regra geral, um pouco complexa perante a apreciação dos que julgam o progresso rigidamente entalado nas baias das convenções sociais.

O chefe é um criador que manobra a sua insofrida vontade em lances largos de arrojadas concepções, fugindo muitas vezes, habilmente, ao inflexivel, que vive, bafiento pelas secretarias dos que julgam que cumprem porque não sabem que não pensam.

O chefe apresenta sempre as mesmas caracteristicas embora os processos de actuação variem por adaptação ás situações, aos fins a conseguir e aos meios onde têm de fazer sentir a sua vontade.

E' no proprio lugar, analisando e manejando os homens e as coisas que se traçam os planos de construção. Os processos do chefe em franca amplitude vão desde a suavidade e contemporização até á violencia e mesmo arbitrariedade.

Tudo pode ser aplicavel conforme as exigencias daquilo que se pretende realizar.

Há «borbulhas» que só depois da cauterização, podem ser tratadas a melhor contento do paciente.

Os regulamentos servem-lhes na consolidação da obra e raramente na sua preparação ou criação.

«O regulamento não é uma abstracta extravagancia quando se aplica a seres que podem compreender o abstracto».

Para muitos casos há que dar-lhe a flexibilidade das directivas, amaciando a dureza das regras pretenciosas que são julgadas de universal aplicação.

A rotina é o pior inimigo dos chefes; a ansiedade de acção pode dar-lhes aspectos de rebeldia ou certa parecida perante os celibatarios de idéas criadoras.

Decisão e vontade energica, boa cerebração, adaptabilidade ás situações, dominio de nervos, elegancia de espirito, cruel e humanitario com bem repartido e apropriado emprego de energia e muita resistencia aos receios dos que tudo temem e tudo entravam, são as forças dominantes do chefe na paz e na guerra.

Os pergaminhos de recomendação são as obras que nos apresentam e não as palavras dos seus amigos ou empresarios. A aureola do chefe é mais do que mancha de cartaz, é fluido que impressiona os sentidos dos que o servem.

Mesmo a distancia o chefe consegue impressionar o espirito das multidões, sejam elas civis ou militares, excitadas por sentimentos politicos, sociais, religiosos ou guerreiros, impondo a sua força na modelagem das emoções que epidémicamente se generalizam nas massas. A fé é, geralmente, o vinculo que firma o seu valor e «dar ao homem uma fé é duplicar-lhe a força».

A fé, disse alguem, «é a coragem do espirito que se arremessa para a frente, certo, de encontrar a verdade». E' ela que fortifica nos chefes a ousada confiança que traça o seu destino e os povos não podem dispensar, jamais, para sua condução, os homens que saibam vencer os obstaculos impondo ás massas a confiança nas suas acções nem sempre tidas como prudentes.

HUMBERTO DA CRUZ

A MORTE DE MANZONI DE SEQUEIRA

Enviaram-nos condolencias pela morte do nosso querido amigo e administrador, Antonio Manzoni de Sequeira, mais os srs.: Aquilino Ribeiro, general Ferreira Martins, Mario Almeida, Moreira da Silva & Filhos, Agencia «Eva», Avelino de Sousa, Antonio de Macedo, Damião Antonio de Lemos Lôbo Freire Pantoja, Augusto Cesar de Ramos Leal, Antonio Gomes Suzano, D. Nuno de Saldanha da Bandeira, direcção do Asilo Escola de Cegos Antonio Feliciano de Castilho, dr. Cassiano Neves, dr. Frnando Emigdio da Silva, Alfredo de Morais, Crispim Maria da Silva Decidido e F. Silva Gama.

CORREIO AEREO

Vindo de Tanger, na sua viagem semanal, aterrou hoje em Alverca o trimotor da Aero-Portuguesa com correio da America do Sul, Africa Ocidental Francesa, Marrocos, etc. e com passageios e mercadorias de Marrocos.

MAIS UM

novo programa de cinema no Colisau, seleccionado a primor, e que alcança um completo triunfo: — "Os 90 bandidos", extraordinario filme de aventuras historicas, com o valentissimo John Mayne, e a comedia encantadora "O Granadeiro Galante", ou os amores de uma dama da côrte e de um granadeiro, com Kaethe Gold e Rudolf Klein Rogge. O mais barato de todos os cinemas. Sabado: matinée.

DESPORTES

A final do Campeonato de «football»

A final do campeonato de «football» de Portugal, realiza-se, no proximo domingo, 4, ás 18 horas, no campo do Arnado, em Coimbra. Será delegado da Federação para este jogo o sr. engenheiro Gagliardini Graça. O arbitro ainda não foi designado.

Hockey em campo

A direcção da Associação de Hockey em Campo, resolveu:

Homologar os seguintes jogos: 1.ª Categoria—Honra: Sport Lisboa e Benfica, 5-Carcavelinhos Football Club, 1; 1.ª categoria—Reserva: Sport Lisboa e Benfica, 13-Carcavelinhos, Football Club, 1; marcar uma falta de comparencia ás 1.as categorias de Honra e Reserva do Ateneu Comercial de Lisboa e averbar uma vitoria a iguais categorias do Liberdade Atletico Club; castigar com um jogo, os jogadores do Carcavelinhos Football Club, n.º 212 Sergio Simões e n.º 197 Guilherme José, por terem realizado em 27 do corrente dois encontros; marcar para 4 de julho proximo os seguintes jogos:

a) Sport Lisboa e Benfica contra Club de Football «Os Belenenses», campo das Amoreiras. Honra—10 e 30 horas, arbitro: Mario de Abreu e José Antonio Martins; reserva—9 horas, arbitros: Carlos Costa e Frederico A. Alves; b) Carcavelinhos Football Club contra Ateneu Comercial de Lisboa, campo da Tapadinha. Honra—10 e 30 horas, arbitros: Josué M. Serio e Carlos Cunha Junior; reserva 9 horas, arbitros: José Cabrita e Silvio Conde e Silva; c) Club Football Benfica contra Liberdade Atletico Club, campo Francisco Lazaro. Honra—10 e 30 horas, arbitros: João da Cruz e José Palhoto; reserva—9 horas, arbitros: Sergio Simões e Antonio Faria.

O «Rallye» do Alentejo

Encerrou-se ontem a inscrição para o 1.º «Rallye» do Alentejo com chegada a Evora que no domingo se efectua, organizado pelo Club dos 100 á Hora.

A inscrição foi nmerosa pois inscreveram-se 30 concorrentes, a saber: n.º 1, Antonio Lousa; 2, José G. Costa; 3 João Clara Barbas; 4, Bento Rosado; 5, João Mesquita; 6, Luiz Beselga; 7, Angelo Rodrigues; 8, Leonardo L. Sabino; 9, Luiz P. Guedes; 10, Julio B. de Sousa; 11, Serra Ribeiro; 12, Antonio de Oliveira; 14, Abilio Garcia; 15, Emilio Soares;; 16, Manuel N. dos Santos; 17, João P. Coelho; 18, Monteiro Martins; 19, Manuel Conceição; 20, José E. Silva; 21, Celestino Garcia; 22, Armando Figueiredo; 23, Luiz C. Lobo; 24, Joaquim R. Belga; 25, Armando Dionisio; 26, Americo Mendonça; 27, Hugo Paixão; 28, dr. Rogerio Beatriz; 29, Manuel C. Braga; 30, Angelo Moreno; 31, Henrique de Almeida, sendo 16 na classe A e 14 na classe B.

O campeonato mundial de «box»

NOVA YORK, 1.—O presidente da comissão de «box», Phelan, comunicou que Joe Louis deveria ser reconhecido como campeão do mundo, mas só lhe seria dada autorização para nova luta se ele se declarar disposto a defender o seu titulo contra Max Schmeling. Phelan disse ainda que a situação seria completamente modificada se Schmeling lutar contra Louis.—(D. N. B).

A disputa da taça Vanderbilt

NOVA YORK, 1.—Os correspondentes automobilisticos italianos Nurvolari, Brivio e Trossi chegaram a Nova York a bordo do «Normandie», para tomar parte em 3 de julho na disputa da taça Vanderbilt.—(D. N. B.).

Sporting-Porto

Comboio especial a Coimbra

Partida de Lisboa ás 7,20 e de Coimbra ás 22 horas, com carruagens dos Expressos Populares.

Bilhetes á venda na Rua Eugenio dos Santos, 29.

MARINHA MERCANTE

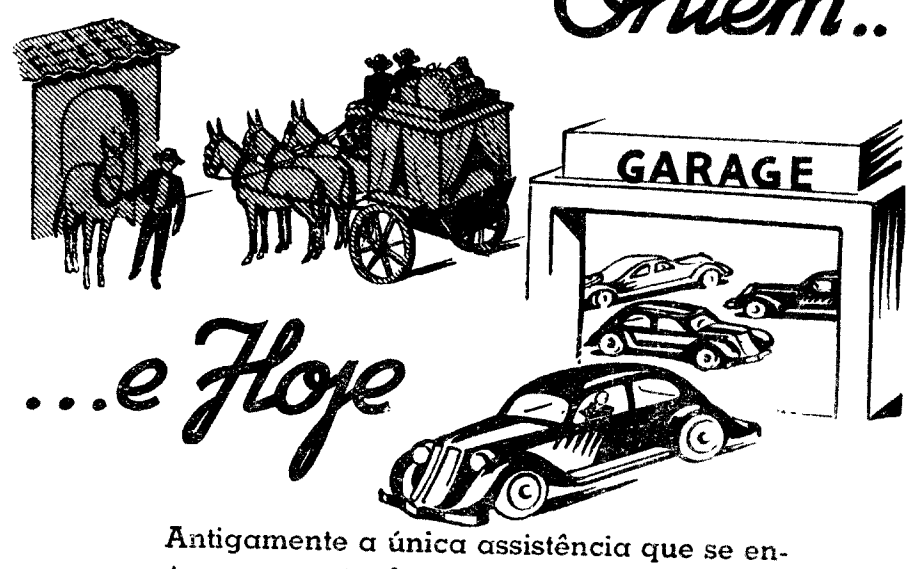
Pela Companhia Colonial de Navegação foi hoje entregue no Banco de Portugal a quantia de 683.545$92, referente á 20.ª prestação do subsidio que lhe foi concedido pelo Estado nos termos do decreto n.º 13 '01 de 29 de Janeiro de 1927.

Por intermedio da firma Maximo Silva, L.da, foi firmado pela Companhia—Secil—com um estaleiro holandês contrato para a imediata construção de um moderno navio a motor de 550 toneladas, para serviço costeiro, que muito virá valorizar a frota nacional.

E' interessante registar que por intermedio do sr. Maximo Silva e sua firma foram adquiridos por armadores portugueses nos ultimos 2 anos 4 navios, o que bem prova a competencia com que estes assuntos tratam, e boa posição de concorrencia, pelo que os felicitamos.

Leia o

fixe



Antigamente a única assistência que se encontrava na estrada era a Estalagem suja e sem confôrto. Partia-se à sorte...

Hoje V. Ex.ª pode partir descansado para qualquer parte desde que prèviamente passe pela nossa Estação de Serviço, para afinarmos e lubrificarmos o seu automóvel.

A grande duração do serviço Vacuum-Mobiloil traz uma economia nas despesas de lubrificação evitando as de reparações.

GARAGE BERNE, L.DA

Avenida de Berne, 125A - 125 - 125B — Edificio próprio

Rua Marquês Sá da Bandeira, 121A-121-121B (L. do Rêgo)

LISBOA—Telefone 43051

VIII Expresso Popular

De Lisboa a Evora, Estremoz e Vila Viçosa

Domingo 4 de Julho

Preço de ida e volta: para Evora 20$00; para Estremoz ou Vila Viçosa 30$00

HORARIO

IDA		VOLTA	
Lisboa T. P. part.	7,00	V. Viçosa . . part.	19,28
Barreiro . . »	7,40	Estremoz . . cheg.	19,54
Evora . . . . cheg.	10,07	» . . part.	19,55
» . . . . part.	10,12	Evora . . . . cheg.	21,34
Estremoz . . cheg.	11,57	» . . . . part.	21,40
» . . part.	11,58	Barreiro . . cheg.	0,02
V. Viçosa . . cheg.	12,21	Lisboa T. P. »	0,42

Bilhetes á venda nas «Informações» da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Trafego da C. P.—SANTA APOLONIA — Telef. 2 4031.

OLY

Por muito bom que seja o pó de arroz, ele não se poderá fixar nem aveludar o rosto se a pele fôr oleosa, inconveniente esse que acarreta defeitos proprios destas peles, como poros abertos, pontos negros, espinhas, etc.

Os defeitos provenientes das secreções glandulares da epiderme levou a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA a criar productos, acreditados hoje, pelos bons resultados obtidos. sua pele normalizar-se-ha em ter que evitar o emprego de productos de belleza.

Basta para isso tratar-se com productos OLY e usar na ordem natural da toilette diaria o LEITE OLY que rejuvenesce, evita sardas e limpa os poros; aplicar o ROUGE e o CREM OLY especiais para estas peles e finalizar pelo PÓ D'ARROZ OLY que manterá a superficie da pele as suas beneficas qualidades. A sua pele regressará assim ao normal.

Academia Scientifica de Belleza

Lisboa—Av. da Liberdade, 35—Telef. 21866

CARTAZ

TEATROS

Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23—«O Brasileiro Pancracio».
Variedades—A's 21 e ás 23—«O Liró».

CINEMAS

Capitolio—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Coliseu—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Odéon—As 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 0.
Palacio—A's 21 e 30.
Pavilhão Português—A's 21.
Politeama—A's 21 e 15.
Rex—A's 21.
Royal-Cine—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.

TINTURARIA ALCANTARENSE

Tinge e limpa toda a qualidade de vestuario a preços baratos. Manda buscar e levar a casa.
DE ALCANTARA, 19 TELEF. 8 1243

Espanha Nacionalista e Portugal

Não deixem de consultar os preços de viagens em automoveis a Espanha e excursões em Portugal. Preços reduzidos.
GARAGE ALVAREZ-*Tel. 126*-ESTORIL

Tilia da Australia

Vende: **PEROLA DE S. DOMINGOS**
T. 2 2678—R. dos Correeiros, 331—Lisboa

CURIA

Gota articular e visceral — Reumatismo fibro-muscular — DIABETIS ARTRITICA — Calculose e gravele renal (urica, oxalica e fosfatica)

Abertà de 1 de Junho a 15 de Outubro

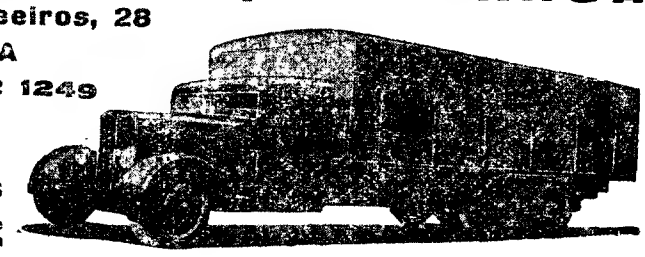
Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

T. S. F. T. S. F.
PODE SER VOSSO POR
ESC. 12$50
ULTRADYNE 1937
em prestações semanais com premios pela lotaria entrega imediata
Camoc. Rua dos Fanqueiros, 150, 2.º
Exposição: Rua do Mundo, 100, 1.º

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9709
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

MOSAICOS
Goarmon & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA - Telef. 21059

Empreza de Transportes BRAGA
Rua dos Correeiros, 28
LISBOA
Telefone 2 1249
Camions, Camionetes e Carroças
Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o país



Servico especial de Mudanças

POLICLINICA DO INTENDENTE
Avenida Almirante Reis, 27, 2º,—LISBOA—Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES	Ouvidos, nariz e garganta	A's 11 h.
DR. ADELINO COSTA	Cirurgia geral. Operações	A's 17 h
DR. ALMEIDA DIAS	Doenças nervosas. Electroterapia	A's 14 h.
DR. ANASTACIO GONÇALVES	Doenças dos olhos	A's 17 h.
DR. ARMANDO LUZES	Rins e vias urinarias.	A's 13 h.
DR. ARMANDO VALLE	Analises clinicas, vacinas	A's 11 h
DR. ARTUR PACHECO	Doenças da pele e sifilis	A's 17 h
DR. BÉNARD GUEDES	Raios X	A's 16 h.
DR. CARLOS FRADIQUE	Assistente livre da Faculdade de Medicina e interino dos Hospitais—Doenças das crianças	A's 17 h.
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO	Medicina Geral	A's 15 h.
DR. FORMIGAL LUZES	Mecanoterapia, maçagem, raios ultra-violetas, gimnastica médica, diatermia, etc.	A's 13 h.
DR. MARCELINO MARTINS	Doenças da boca e dentes	A's 10 h.
DR. MARIO ROSA	Clinica geral, estomago e intestinos	A's 15 h.
DR. D. PEDRO DA CUNHA	Partos. Doenças das Senhoras	A's 15 h
DR. VASCO DE LACERDA	Clinica medica, coração, pulmões	A's 16 h.

MAPLES em todos os estilos *Telefone 2 3413*
Carpetes
Oleados
Papeis Pintados
VENDAS PARA A PROVINCIA
Vendas a prestações
Armazem de Moveis do Calhariz
Paixão Carvalho, L.da
Largo do Calhariz, 27

É um produto **ROBBIALAC**

PINTAMUR é uma pintura a óleo para decoração interior. Devido à sua fórmula especial tem um aspecto diferente de qualquer outra tinta, pois dá à superfície uma aparência aveludada verdadeiramente encantadora. Graças ao seu poder de cobertura não sai mais caro que as pinturas vulgares.

PINTAMUR
É UM PRODUTO ROBBIALAC
SOC. ROBBIALAC, LDA.
R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa

TINTAS E VERNIZES **AQUACIN** UMA TINTA A AGUA PARA INTERIORES E EXTERIORES
À VENDA EM TÔDAS AS DROGARIAS
PEDIR CATÁLOGOS E INSTRUÇÕES AOS AGENTES: L. POÇO DO BORRATÉM, 13-1.º D. LISBOA

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

OBRAS-PRIMAS DA LITERATURA CLASSICA

O Galante Seculo XVIII

do Cavaleiro de Oliveira

traduzido e compilado por Aquilino Ribeiro

Aparece nestes proximos dias o «Galante Seculo XVIII», do Cavaleiro de Oliveira, compilado e traduzido das suas obras em francês por Aquilino Ribeiro. O Cav. de Oliveira é o mais extraordinario dos homens dados á aventura e ás letras, como jamais Portugal produziu outro. Este livro, onde perpassa o seu século, com amores, duelos, intrigas, fanatismos é como que o espelho. Do prefácio com que abre o livro recortámos o seguinte trecho:

Em 1751 o Cavaleiro de Oliveira habitava Londres e devia passar grandes necessidades. Ia nos seus cinquenta anos e casara pela terceira vez com uma senhora de origem francesa, Françoise Hamon. Era ela protestante, tão pobre como êle, mas compensaria com dotes pessoais o que lhe minguava em fortuna, pois fala dela com enternecimento e gratidão, moeda esta que não costumava lançar ás rebatinhas. A sua estrela, neste particular, continuava a alumiá-lo como dantes. O perseguido da sorte, o maldito de Deus, cuja sina parecia ser andar sempre aos baldões, á certa que tivera por madrinha a *alma Venus*. A pouca sorte, por um lado, a cavar-lhe a ruina, as mulheres, por outro, quais boas fadas, a destorcer a perigosa tela, nisto transcorre — pode dizer-se — o mais emocionante da sua longa vida.

Françoise Hamon, á falta de bens materiais, trouxe-lhe o seu carinho e excelentes relações no meio francês de Londres, que ao tempo contava pelo numero e qualidade mercê do exôdo suscitado no ultimo quartel do seculo anterior pela revogação do Edito de Nantes. Esse meio forneceu-lhe publico para o periódico, que saia em fasciculos mensais, para o *Discours Pathétique* e outros folhetos. Já com as *Mémoires*, editadas na Haia, se dirigira a igual clientela, que tambem por Holanda se espraiara a emigração huguenote.

O jornal do Cavaleiro *(Oeuvres Mêlées:* ou *Discours Historiques, Politiques, Moraux, Littéraires et Critiques Publiés dans le mois de Janvier... MDCCLI Sous le Titre d'Amusement Périodique par le Chevalier d'Oliveyra Tome... Londres MDCCLI)* era, pois, uma publicação de circunstancias, modo de não implorar a caridade sem mostrar alguma coisa na palma da mão. Ignorava de todo a lingua inglesa para procurar outra e mais rendosa actividade. As relações com a sua terra natal estavam-lhe totalmente cortadas. Contra o perjuro do credo romano montara-se no reino o mais severo cordão sanitário. Os seus próprios parentes faziam sentinela.

E' temerário formular que Sebastião José de Carvalho e Melo o haja utilizado na obra de sapa, cautelosa e rompendo de longe, que intentara contra Roma. O Cavaleiro era companhia comprometedora. Se entendimentô houve entre eles, não sómente era indispensavel que nada transpirasse da conjura, mas, mais do que isso, *pour donner le change*, o Cavaleiro teria de ser vitima expiatoria. E foi-o. Para conhestar a execução do fanático Malagrida, amotinador das turbas contra César em nome de Deus, que melhor do que condenar um pensador da vanguarda?! De harmonia com tal politica o Cavaleiro foi relaxado em estátua. A sua efigie teve a honra de figurar num dos derradeiros autos-da-fé que se celebraram em Portugal. Estava dada satisfação ao beaterio ainda poderoso; a nau de Pombal podia singrar.

No periódico do Cavaleiro, conforme ressalta do titulo, há de tudo, como na botica. O Mais interessante é a parte vivida que constitui um testemunho animado acêrca dos costumes, ambiente religioso e social do tempo. Outro capitulo digno de nota, bastante difuso porém, é o da controvérsia religiosa. Compreende-se: para o publico a que o jornalinho se dirigia era a parva necessaria. Sente-se, por isso, a idéa preconcebida. Algumas paginas, no entanto, ressumam um pitoresco tão flagrante, exprimem a côr local com tanta naturalidade, que abstrair delas seria pecar contra a arte. De certo a casuistica não interessa mais os espiritos de hoje. A crença tem fronteiras bem delimitadas que ninguem viola e que ela própria não não tem interesse em ultrapassar.

Não obstante a pecha de prosélito, o Cavaleiro nunca deixa de ter graça, agilidade mental, e perante o mundo dos fenómenos de adoptar o que vulgarmente se chama critério realita. Acima de tudo é óptimo observador e as suas lucubrações o denotam. Porque o seculo XVIII, frivolo, fradesco, galante, espadachim, supersticioso, trabalhado já pela inquietação, decorre luminosamente das folhas do periódico, embora escritas a trouxe-mouxe, bifadas a este e áquele autor algumas vezes, tentámos a sua monda.

Muitos pecadilhos seria facil joeirar nos emprestimos que Camilo fez ao Cavaleiro de Oliveira, quanto a infidelidade e abusiva interpretação. Não vale a pena; aos livros de Camilo não se vai buscar historia, mas arte, uma arte que se não comprazia a respeitos e travões. A verdade é que essa estranha e inditosa figura do Cavaleiro de Oliveira só começou a ser divulgada a partir de Camilo. O homem de génio tocou-o com o seu sôpro e trouxe-o á plana publica. Ele lhe serviu de pretexto a belas paginas de prosa, no meio das quais aljofram as lagrimas. Camilo sentiu em Francisco Xavier um irmão no sofrer, como ele mordente no chiste, azorrague de todas as tiranias e braço armado em defesa de todas as vitimas. Compreende-se dai que Camilo, tomado de carinhos por ele, o enaltecesse.

Na *Revista de Ocidente*, de Madrid, março de 1925, José Maria de Cossio publicou um longo artigo acêrca do trabalho de critica e de investigação que a essa época fizeramos do Cavaleiro e da sua obra. Já o titulo era altamente sugestivo e singular: *El Caballero de Oliveira (Documentos para la biografia de Don Juan)*. O autor, na verdade, com invulgar poder de analise e imaginação, pega da *anatomia* que lhe serviramos de Cavaleiro e procura nela as grandes determinantes humanas. «Poco sabemos de la vezes de Don Juan. Apenas unos actos de Zorilla; una anedocta punzante contada por

AQUILINO RIBEIRO

Grau; algun precioso rasguño de Valle-Inclán; unas paginas transparentes y piadosas de Azorin. En todos los casos, para el cambio de frente del harto libertino, nos parece superflua la violenta intervención de los difuntos; el tiempo, com su inevitable compañia de desgastes y alifafes, parece suficiente para operar el inevitable milagro.

En las páginas de los ultimos escritos del Caballero de Oliveira se nos ofrece una senectud de Don Juan embalsamada com lozania imposible al más diestro egipcio faraónico. Aun urgiéndonos denunciar su sinceridad, hay que admitir que ella da su irisacion a las más sugestivas paginas, uma irisación de melancolia».

Depois de citar as passagens do Cavaleiro em que se traduz este amargor da velhice e aludir á sua incorrigivel mania de gallo doido, em despeito das censuras que o proprio endereça a outro *vieux marcheur* D. Luiz da Cunha, observa Cossio:

«No me remuerde la consciencia al interpretar sus intenciones y creer más bien dissimulo que desengaño sus provectas reflexiones sensatas. Su historia no le da derecho a mejor trato. No ya en sus *Cartas*, que su benévolo y... biografo Aquilino Ribeiro llama «archivo de Don Juan»: en estos mismos escritos postreros, bajo la untura opaca de sus conscienzudos ensayos, abultan las indisimulables formas fanfarronas del mitico libertino. Su desprecio por la dignidad de la mujer, en cuanto mujer, es el mismo en su pobre despacho de Londres que era en sus alucinantes aventuras de Lisboa o de Viena.

.....

Todas las notas distintivas de Don Juan se dieron cita en su cuerpo y en su carácter para modelar una variedad del tipo: el *Dom Joannes Portucalensis*, que reclama primordial atención en el siglo del Caballero Casanova, tan rico en tránsfugas amadores.

.....

No tengo noticia de retrato alguno del Caballero. Seria curioso confirmar en él los rasgos morfológicos que assigna Marañon al burlador.

.....

Dos rasgos diferencian su fisionomia de la de sus congéneres, rasgos que caracterizan la variedad portuguesa que antes designé con nomenclatura de naturalista. El Caballero de Oliveira es un punto más apasionado y posee una preocupación, la religiosa, ajena al donjuanismo.

.....

Su preocupación religiosa es la otra nota que dificulta su inscripción en el esquema habitual del mito, prestando a su caracter un matiz acentuadamente nacional. El Caballero de Oliveira, mal avenido con la religión tradicional do su país, desconforme con muchas de sus práticas, implacable agresor del Tribunal del Santo Oficio, acaba por abjurarla y abrazar el protestantismo, en el seno de cuya Iglesia termina sus dias. En sus escritos, especialmente los de su ultima epoca, ocupan gran lugar los temas religiosos. No nos extravie su celo. El proceso de su conversión no se incoa por grandes catástrofes intimas; su espirito, frivolo y versatil, nunca supo del sentimiento tragico de la vida. Precisamente es Portugal tormentosa patria de desesperados religiosos. La evocación de cualquiera de ellos, desde Uriel da Costa hasta Antero de Quental, achica hasta lo diminuto este aspecto de la memoria del Caballero de Oliveira, avenido con una religión igualmente dogmática, ritual y sosegadora que la abjurada, y enredado en cuestiones tan bizantinas, al lado de los grandes problemas religiosos, como si se debe besar el pie al Papa, o sobre los endemoniados, o sobre el purgatorio. Su heterodoxia es una heteredoxia burguesa y sin grandeza, favorecida de una parte por sus desavenencias con los hombres portugueses y de otra por la necesidad de adaptación al mundo protestante, en el que habia de residir por vida.

.....

Uriel da Costa, asistiendo como apasionado espectador a la lucha formidable de su razón con los conceptos transcendentes e incompreensibles y dirimiendo la contienda con el cañón de su pistola, es figura tan representativa de las grandes preocupaciones religiosas, como el Caballero de Oliveira de la vida frivola y galante.»

AQUILINO RIBEIRO

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

LITERATURA FEMININA

A carta de Jorge ou o espectro de Lady G...

Conto por Eunice Paula

Eunice Paula, autora do conto que a seguir inserimos, é uma prosadora elegante e conceituosa, que alia á originalidade dos assuntos uma forma rica de imagens, de contrastes e de imprevistos.

A sua estreia nas letras, ha pouco mais dum ano, com o livro «Aguias Lusitanas», valeu-lhe um estudo biografico, em prefacio de Eugenio Vieira.

Eunice Paula trabalha actualmente num livro em que trata, com requintes de erudita observação, a personagem historica, tão tipica, de Henrique VIII de Inglaterra, no ambiente da sua Côrte. Neste livro a autora estuda a psicologia das seis mulheres de Henrique.

Brevemente o «Diario de Lisboa» inserirá um novo conto de Eunice Paula, sob o titulo «Um duelo original», que é um belo estudo dos costumes da elegante e frivola sociedade francesa do seculo XVIII.

Leonor

Ha dias, a minha deliciosa amiga encontrou, numa das gavetas do contador espanhol do meu escritorio, um leque de plumas, um lenço de plumas, um lenço de rendas de Veneza e um retrato de mulher.

Lembra-se, decerto, dessa acidental descoberta...

Nos seus labios desenhou-se, então, um sorriso ironico. Depois, acendendo um cigarro, exclamou com a maior naturalidade:

—Meu amigo. Nós somos dois camaradas e não dois namorados... Poderia contar-me esse capitulo da sua vida amorosa?

—Falo-ei um dia—respondi evasivamente, mas, por hoje, mudemos de assunto.

Nessa tarde, ao despedir-se, você disse-me, com o mesmo soriso malicioso nos labios:

—Não se esqueça, meu caro Jorge, que prometeu descrever-me o romance da «dama do leque de plumas».

«Pois bem, Leonor, venho hoje cumprir a promessa que lhe fiz. Antes de mais nada, porém, devo dizer-lhe que, interpretando aquele seu sorriso, ha um ponto em que redondamente se enganou. A «dama do leque de plumas» nunca foi minha amante. A mulher, cujo retrato a Leonor viu, representa para mim, não a recordação duma aventura, mas a saudade da mais bela fase sentimental da minha vida—o meu primeiro amor.

«Ouça-me de confissão, gentil sacerdotiza:

«Tinha eu vinte e cinco anos, quando o acaso dum despacho ministerial me obrigou a deixar a legação de Roma pela embaixada de Londres.

«Foi lá, no salão de Buckingham Palace, durante uma recepção, que eu conheci a «dama do leque de plumas», Lady Geraldine, condessa de Mount Severn, a mais bela, a mais nobre, a mais radiosa figura de mulher que jamais encontrei. Lady Geraldine encarnava o tipo da beleza nordica. Alta, esbelta, flexivel, poderiamos fantasiar nela um corpo de Psiche de Cánova animado de vida. Rosto oval, de traços classicos e puros como o das deusas da Grecia antiga, maravilhosamente iluminado pela chama duns olhos azues, limpidos e faiscantes como aguas marinhas do mais precioso quilate. Pele alva e como que diafana, através da qual as veias transpareciam aniladas. Os cabelos eram loiros, não desse loiro fulvo e ardente das cortezãs venezianas pintadas por Ticiano, nem tão pouco desse loiro cendrado peculiar ás madonas de Fillipino Lippi, mas sim desse loiro cintilante de fulgores metalicos, que dir-se-ia ouro fiado por mãos de fadas, como o da Venus de Botticelli. E Lady Geraldine Mount Severn, não se limitava, á semelhança de outras filhas de Eva, a brilhar unicamente pelos seus dotes fisicos.

«A beleza moral, aliada a uma requintada sensibilidade de artista, é a superioridade intelectual do seu espirito, faziam dela, na verdade, uma rainha entre as mulheres.

«Eu nunca tinha amado. «Flirts» de sociedade, aventuras sem consequencias, galanteios passageiros, não merecem o nome de amor.

«Foi ela a que eu amei do coração, da alma, como nunca,—juro-lhe—voltei a amar.

«Um amor sem esperança, pois Lady Geraldine tinha um marido que a adorava e, mesmo que assim não fôsse, os seus sentimentos de dignidade não lhe permitiriam que abandonasse injustificadamente Lord Mount Severn, para se tornar minha mulher.

«Tive que me resignar a conter as palavras delirantes da paixão, que me subiam aos labios e a ficar para Ela «celui qui ne compte pas», o grande amigo, o cavaleiro andante da condessa, como diziam noutros seculos, gozando a minha pobre felicidade de a ver todos os dias, de a acompanhar nos seus longos passeios a pé ou a cavalo, de a encontrar em sociedade, vivendo assim um pouco da sua vida.

«Não oculto que, por vezes, essa intimidade não me causasse sofrimento, que junto da formosa lady a materia não acordasse, os sentidos não se possuissem duma revolta, e não fosse necessario apelar para toda a minha força de vontade, para resistir á tentação que me arrastaria a um acto de loucura.

«Eu amava-a muito, compreende, Leonor, do mais intimo do coração, do fundo da minha alma, como já lhe disse, e não queria que ela me afastasse de ao pé de si. Preferia tudo, menos perder a ultima ventura que me restava: a possibilidade de a ver sem obstaculos, de fruir a sua companhia.

«O unico raio de sol que iluminava a minha existencia eram as horas que passava junto da condessa relendo uma pagina de Byron ou de Lytton; discutindo uma obra de arte, ou tocando uma musica classica.

«—E ela?—preguntará você.

«Ela, decerto compreendeu o sentimento que me inspirava, mas, com um tacto e delicadeza infinito, nunca, nem ao de leve, tocava nessa ferida de alma que não podia cicatrizar, e, já que o Destino a impedira de me dar o seu amor, concedeu-me a sua amizade, uma terna amizade amorosa que prometia durar a vida inteira. E assim se passaram dois anos, dois anos que eu vivi para Ela, desprezando todos os sucessos mundanos, todas as admirações femininas que o meu tipo trigueiro e esvelto de português despertava nas loiras filhas de Albion.

«Debalde as jovens inglesas me rodearam, me festejaram, me puseram o nome de «handsoem gipsy»—o belo cigano.

«A minha alma pertencia a Lady Geraldine, e, embora haja quem seja capaz de procurar matar um sentimento pelo sensualismo, eu não queria descer á indignidade de, com o coração repleto de uma, dar o meu nome e a minha mão a outra mulher.

«Um dia, minha mãi, então bastante doente, escreveu-me, pedindo-me que viesse a Portugal.

«Mostrei a carta á condessa, que me aconselhou a partir sem demora.

«Uma semana mais tarde, fui visitá-la, a fim de lhe apresentar as minhas despedidas.

«Beijei-lhe as mãos em silencio, extremamente comovido, triste, muito triste, por ter de a deixar durante (dois meses pensava eu), mas feliz, muito feliz, por ver os olhos da minha bem amada inundados de lagrimas.

«Eu não tinha ilusões. Eram as lagrimas duma irmã mais velha ao separar-se dum irmão querido, e nada mais. Mas, eram lagrimas...

«Cheguei a Lisboa. Minha mãi, internada numa casa de saude, melhorára rapidamente e, quando eu ultimava os meus preparativos para ir retomar o meu lugar na embaixada de Londres, uma noticia, inserida no «Times», veio mergulhar-me no mais profundo dos desesperos.

«Ao regressar duma estada em Paris, lady Geraldine morrera, repentinamente, em Mount Severn.

«A'quela hora, devia já repousar na cripta da igreja do castelo, junto dos tamulos das condessas dos tempos idos.

«Dolorosa viagem aquela!

«Seria impossivel, minha boa Leonor, descrever-lhe o estado de desanimo absoluto com que vi surgir, ao longe, as costas da Gran Bretanha—a terra onde vivêra aquela que eu tanto amára.

«O inverno tinha chegado, severo e triste, como sempre, envolvendo Londres num sudario de brumas. As ruas e as avenidas dos parques apareciam cobertas de neve. O frio enregelava.

«Sentado junto do fogão, olhando as achas, que se consumiam entre as labaredas, indiferente a tudo, eu recordava Lady Geraldine...

«Entretanto, Lord Mount Severn voltára á capital.

«Os mais elementares principios de cortezia impunham-me o dever de lhe ir apresentar as minhas condolencias.

«Contudo, eu ia retardando, dia a dia, a visita. Faltava-me coragem para voltar a esse palacio, que tão crueis lembranças despertaria na minha memoria.

«Uma tarde, porém, decidi-me, e parei o meu carro á porta de Lord Mount Severn.

«Um minuto depois entrava no «hall».

«Eram os mesmos bancos esculpidos, as mesmas tapeçarias de Gobelins representando as batalhas de Alexandre, a mesma cadeirinha doirada do seculo XVIII, velha reliquia do tempo das damas de cabelo empoado e de anquinhas de seda, mas, qualquer coisa de estranho, de vagamente misterioso, pairava no ambiente, que dava áquele opulento e artistico interior o aspecto da tristeza confrangedora duma casa ha muito abandonada.

«Um criado, envergando uma libré de luto pesado, introduziu-me na biblioteca. Dei alguns passos. Li os titulos duns livros. Folheei uma revista.

«Lord Mount Severn demorava-se.

«O peso intoleravel da solidão principiava a acabrunhar-me.

«A saudade do passado afluia dolorosamente ao meu espirito, naquele recinto onde tantas vezes Geraldine me recebera. A porta do salão nobre, que dava para a biblioteca, encontrava-se aberta. Entrei. Os cortinados de renda das janelas achavam-se corridos, de modo que, apenas uma meia luz como crepuscular, conseguia filtrar-se.

«Era um salão vastissimo, rectangular, cuja decoração datava do tempo do Imperio.

«A sumptuosa mobilia, encrustada de bronzes doirados, era forrada a gorgorão amarelo. Pelas paredes, apenas três retratos de familia, severas telas de mestres, e, ocupando a maior parte de uma delas, um retrato, em corpo inteiro, da condessa de Mount Severn, vestida de côrte—obra prima de Sargent.

«Ao vêr a imagem de Geraldine, tão maravilhosamente reproduzida na tela, pela arte do pintor, de novo o dominio sobre mim proprio me abandonou. Afastei-me do retrato e dirigi-me a uma janela. Porém, ao fazer este movimento, o meu olhar caiu sobre um Recamier, e, subitamente petrificado por uma estranha aparição, soltei um indiscritivel grito de terror.

«Lady Geraldine estava na minha frente, sentada no sofá, sorrindo para mim!

«Naquele instante, julguei-me vitima duma alucinação. Em seguida, senti-me como dominado por um pesadelo. A aparição tomava a meus olhos uma expressão perfeitamente real, que não se desvanecia... Não era sonho, não... Eu estava acordado, perfeitamente acordado. Numa especie de lusco-fusco pensante, raciocinava:

«Será o espectro da condessa que, saudoso de tudo, volta ao palacio em que habitava? Contudo, os fantasmas, raciocinava ainda, meio louco de pavor, representam-nos impalpaveis, immateriais, sem o aspecto da frescura vital; ha neles qualquer coisa de muito subtil, imponderavel; têm halos ou vestes luminosas, e uns ares vagos de misterio, enquanto que Ela está ali... sim... ali... tão viva como eu...

EUNICE PAULA

«Não me atrevia a avançar... Receava que o espectro de Geraldine (se aquilo era um espectro) desaparecesse, pouco a pouco, se diluisse, se evaporasse, mas, de longe a visão absorvia-me... devorava-a com a vista...

«Sim... era ela, bem ela, não restava duvida... Reconhecia-lhe os cabelos louros, verdadeiros fios de sol, que a coroavam dum diadema real; os olhos azues, cintilantes como aguas marinhas; numa palavra, estava ali, real e positiva, ante meus olhos, a figura deliciosa da condessa de Mount Severn!...

«Por fim, a curiosidade venceu o receio. A ansia de vê-la mais de perto suplantou o meu terroroso enleio... Pé ante pé, caminhei, como atraido por força irresistivel, na direcção do espectro...

«Ela sorria sempre, com o seu antigo, terno, empolgante, sedutor sorriso...

«Avancei mais e mais...distinguia-lhe muito bem o trajo... um vestido com renda preta, através do qual transparecia a carnação rosada... sim... eram os seus braços... o seu colo... Via-lhe refulgir os brilhantes dos aneis, dos brincos, do colar... Na mão tinha *um lenço de rendas e um leque de plumas...*

«Dei ainda alguns passos. A aparição estava já ao alcance dos meus braços... continuava a sorrir-se calmamente... insinuantemente, para mim... não se desvanecia...

«—Geraldine!... meu amor!...—gritei, com voz estrangulada, quasi agarrando-a pelos vestidos. Não te vás, sem me dizeres uma palavra!...

«Senti-me desmaiar.

.....

«Quando recuperei os sentidos, vi Lord Mount Severn debruçado sobre mim, e ouvi alguem, a seu lado, murmurar, em voz baixa:

«—Bem lhe dizia eu, mylord, que a boneca de cêra podia muito bem, um dia, ser a causa da morte ou da loucura de alguem...»

«Não me lembro de mais nada.

«Quando, passados três meses, os medicos me declararam completamente curado da comoção cerebral que me puzera em perigo de vida, o tenente Wane, irmão da condessa, veio visitar-me, e explicou-me a causa da minha ilusão, acêrca do espectro.

«Durante uma estada em Paris, Mount Severn, que de ha muito sabia, pela medicina, que Geraldine poucos anos teria de vida, mandára fazer, a um artista habilissimo, uma impecavel boneca de cêra, em tamanho natural, munida de articulações, cabelo autentico e olhar de vidro, o rosto pintado, reproduzindo fielmente as feições da condessa, de modo que, sucedesse o que sucedesse, ele pudesse ter sempre presente conservar junto de si a bela imagem da sua querida mulher.

«Uma vez morta Geraldine, o marido, possuido duma fantasia morbida, mandára pôr á boneca os vestidos e as joias que a esposa preferia. Por sua ordem, haviam-na colocado no salão, sentada entre as almofadas do Recamier, onde todos os dias, fielmente, a ia vêr.

«Aqui tem, minha querida Leonor, a confissão do seu amigo.

«O «lenço de rendas e o leque de plumas», que encontrou na gaveta do contador espanhol, são os mesmos que a boneca tinha colocados nas mãos. Tinham pertencido a Geraldine. Pedi-os, como recordação dela ao tenente Vane, que, imediatamente, mos levou ao hospital.

«Uma historia triste, dolorosa e impressionante, a da «dama do leque de plumas», não é verdade?

«Peço-lhe que não rasgue esta carta. Ha nela parcelas do meu coração e reflexos da minha alma.

«Muito afectuosamente

Jorge».

INVERNO DE NEVE

«Ainda lembro esse inverno de neve»,
Que já tão longe do presente vai,
Com a saudade imensa que se deve
A qualquer ilusão que em dôr se esvai.

Que lindo quadro! A pena não descreve
Quanto, evocando, ante os meus olhos sai!
Pois nunca o tempo a suprimir se atreve
A impressão duma lagrima que cai.

O plumbeo ceu soltara brandamente
Farrapos desse manto alvinitente
Que enfeita sempre os cimos do Marão...

Despedi-me e parti tão desolada
Que teria morrido nessa estrada
Se levasse comigo o coração.

MARIA O'NEIL

25-11-1923.

Dez minutos com

Rodrigues Lapa

A-pesar-de jovem—um novo em toda a extensão da palavra—o dr. Rodrigues Lapa tem imposto o seu nome de erudito e critico através de numerosas obras de alta investigação historico-literaria. O seu nome já atravessou as fronteiras e não ha entre nós, quem o não conheça e admire, pela rigorosa e proba documentação dos seus trabalhos, pelo estilo vivo e terso e pela excepcional lucidez das suas apreciações. Aparece-nos agora á frente duma iniciativa bm necessaria:—a reedição dos nossos classicos, cujos livros é impossivel obter no mercado, excepção feita dos «Lusiadas» e de poucos, pouquissimos mais. Fomos inierrogá-lo sôbre os motivos que o levaram a meter hombros a tão arriscada empresa. E preguntámos-lhe, á queima-roupa:—*como surgiu a idéa da edição sistematizada dos «Classicos Sá da Costa»?*

Ora, responde Rodrigues Lapa, da necessidade. Da necessidade que é uma das fontes criadoras de idéas. Falava-se por aí numa literatura classica portuguesa; mas, ao certo, só uma duzia de privilegiados do gosto e da fortuna sabiam o que era.

—O grande publico, os homens de cultura mediana, só a conheciam por ouvir dizer. Ninguem lhes facultava o acesso dessa literatura, tesouro avaramente escondida para gaudio e beneficio dos bibliografos. Os proprios rapazes dos liceus e seus professores, viam-se e vêem-se seriamente embaraçados com esta penuria. Uma situação vergonhosa.

—Mas tem havido tentativas varias?

—Tem, mas todas têm sossobrado. E' que há neste país, a par do fado, da saudade e da retorica, uma lei que rege desde sempre os nossos destinos: o falhanço, a falta de remate. Dizem-me que até nos jogadores de «football» se verifica. Pois eu posso afirmar-lhe que isso é já patente nos primeiros versos que se fizeram em Portugal. Não sorria: o nosso fado é assim: nunca ver o fim ás cousas. Afinal talvez seja isso uma das nossas originalidades.

«Já vê: se o desportista e o poeta são assim, como é que o editor podieria ser assado?

—Mas não se poderão determinar outros motivos ao desinteresse editorial pelos nossos classicos?

—Necessariamente: a propria incompreensão dos livreiros sôbre o que seja uma colecção de classicos. Há, em materia de edições, dois habitos inveterados em Portugal: ou se edita o classico tal qual, numa raivosa fidelidade ao texto, conservando-lhe toda a vegetação ortografica, insuportavel para os nossos olhos de hoje; ou se actualiza decididamente, substituindo a ortografia e o vocabulario. Há um meio termo, aborrecido por nós, homens dos estremos: tirar todo o aspecto rebarbativo aos classicos, desempoeirá-los, vesti-los de novo, mas respeitá-los na sua linguagem. A essa regra obedece a nossa colecção.

—E' um trabalho delicado...

—Muito mais do que parece. Um exemplo: nas «obras completas» de Sá de Miranda, a forma do artigo indefinido é inalteravelmente «ua», com til sôbre o «u». Se escrevessemos «uma», cometeriamos uma arbitrariedade, deturpariamos a linguagem do classico. Assim se pronunciava e asim se pronuncia hoje no povo do norte do país. O povo é tambem um grande classico. Passemos ás «Cartas familiares» de D. Francisco Manuel. Aí já aparecem

(Vêr continuação na pagina seguinte)

O TEATRO PORTUGUES

GIL VICENTE E O POVO

Palavras do sr. dr. Afonso Lopes Vieira a proposito

do ciclo de representações vicentinas

Publicamos em seguida as palavras que o insigne poeta sr. dr. Afonso Lopes Vieira pronunciou ha dias no teatro Nacional, na festa de homenagem a Amelia Rey Colaço, e a proposito do ciclo de representações vicentinas levado a efeito por iniciativa do sr. ministro da Educação Nacional.

«Apenas algumas palavras, muito breves, e das quais eu quereria que avultasse, antes de mais nada, este facto extraordinario que acaba de se passar em Portugal: — quarenta mil portugueses, pelo menos, aclamaram em doze récitas sucessivas o genio de Gil Vicente. Razão tinham pois os que pensavam que o que era urgente e belo era pôr a viver as obras do poeta, dá-las áqueles para quem Gil Vicente as escreveu, que não são apenas os doutores a quem ele proprio chamava «certos homens de bom saber», mas á mocidade das escolas e ao povo português. E que admiravel e decisiva experiencia foi esta para provar como o génio de Gil Vicente está vivo e como graças a Deus o povo português é capaz de o sentir e de o amar!

No dia seguinte ao da grandiosa, inolvidavel récita de Guimarães, preguntei a um oleiro que trabalhava na sua oficina se tinha gostado do espectaculo da vespera, e este homem, que era um desses fidalgos do povo em quem, nas sociedades misturadas de hoje, parece terem encarnado os tipos mais autenticos da nobreza, respondeu-me com estas palavras: — Ah! isso foi um grande bôdo aos pobres! Foi, com efeito, um grande bôdo de portuguesismo sem mescla, de verdadeira alegria, de puro amor da Patria. E a beleza da iniciativa consistiu em se dar dado o melhor que se tinha, sem esperança desta vez doutra retribuição que não fôsse aliás a que tem mais valor, ou que só tem valor — a espiritual.

E' por tudo isto que eu tenho gôsto em cumprir o dever de saudar deste lugar o sr. ministro da Educação Nacional — saudações que outro valor não têm senão o de serem apresentadas por alguem que, na sua humildade, tem contudo ocupado sempre as duras posições do inconformismo; saudações que lhe dirijo pelo ciclo de récitas vicentinas que promoveu do norte ao sul do país, e com que honrou a Nação, honrando o seu ministerio.

O centenario de Gil Vicente glorificou-se com este facto culminante, e as manifestações dos nossos institutos de cultura, incluindo as muito doutas conferencias da Academia, serviram para nobremente o emmoldurar.

Mas ai do centenario e ai de nós que amamos o grande poeta se essa notabilissima extensão do teatro vicentino se não houvesse produzido, porque então Gil Vicente, o mais palpitante dos nossos poetas, teria continuado a existir em estado de mumia — embalsamado.

A mensageira de Gil Vicente por terras de Portugal foi, á frente da sua companhia, Amelia Rey Colaço. Foi ela que levou ás multidões a flôr do génio do poeta, e fê-lo não apenas com talento, mas com alegria e com fé. Nenhum ensejo, pois, mais propicio do que este para lhe provarmos como lhe queremos e a admiramos.

A Amelia Rey Colaço cabe a gloria, depois do grande artista e verdadeiro senhor que foi Augusto Rosa, de ter servido com devoção patriotica o teatro do nosso genial criador dramatico. Demonstremos-lhe a nossa gratidão esta noite, em que ela interpreta, com tanto e variado sabor e tão portuguesa graça, três figuras capitais do mestre — a «Serra da Estrela», que é a encarnação épica e pastoral da Beira, a «Virgem» do maravilhoso painel primitivo da «Mofina Mendes», e essa «Inez Pereira» da farsa que adivinha e até ultrapassa o genio de Molière. Saudemos Amelia Rey Colaço pelo tão nobre esforço do seu trabalho, do seu talento e do seu amor ao teatro português, que realizou, entre outras jornadas, a noite gloriosa, e de categoria europeia, da «Castro» em Alcobaça. E eu, que tive o prazer de ser o arauto da festa, termino já porque ninguem mais do que eu tem o desejo de ser um espectador encantado».

Uma cena encantadora do «Auto dos Misterios da Virgem ou de Mofina Mendes», vista pela objectiva de Diniz Salgado

As cinco lamentações da Ausencia

I

Fala o espelho:

Andam loucos na penumbra
a buscar, alucinados
os meus olhos encantados
do seu perfil que deslumbra.

Onde se esconde a Princesa
no salão, que não a vejo;
que nem diviso o cortejo
dos seus cabelos em reza?

A Princesa abandonou-me!
embalde a minha saudade
murmura baixo o seu nome.

E ao vêr os salões desertos
ficam doidos de ansiedade
meus grandes olhos abertos

II

Fala o seu perfume errante:

«Eu sou a propria saudade
dêsse seu corpo de ausente
qual rei louco, que se evade
dum palacio rescendente.

Ando outra vez a buscá-la;
só queria tornar a vêr
uma só vez, e morrer,
a sua pele côr de opala.

Minha distante quimera!
Quem sabe se a Primavera
virá matar meus receios?

Pois eu pressinto que sou
a andorinha que emigrou
do ninho dos seus dois seios».

III

Fala o marfim do cravo:

«Porque não volta a princesa
de corpo de anfora esguia
que em tardes de oiro e tristeza
me encantava de harmonia?

Ao sol-pôr eram seus dedos
—só de lembrá-lo, estremeço—
Afuzelados brinquedos
do meu desejo travesso.

O seu sorriso era um lirio;
vejo sempre num delirio
sua caricia tão leve.

E o meu tom a desmaiar
vai, na ansia de igualar
as suas mãos côr de neve...»

IV

Fala o tapete:

«Ainda sinto em meu seio
seus passos côr de luar,
e o corte do pé, guardei-o
no cofre do meu lembrar.

Seus passos, como eram finos!
Sôbre mim em sonho imerso,
eram seus pés dois meninos
deitados no mesmo berço.

Quando em poentes de lava
indistinto me fitava
o seu olhar de setim,

eu via tudo diferente:
morria um sol no poente...
—nasciam dois para mim!»

V

Falam as suas frases moribundas:

«Dessa boca que perfuma,
cuja linha é um afago,
nós tombámos uma a uma—
gotas de agua sôbre um lago.

E agora andamos a esmo
num frouxo bando cinzento;
O abandono em si mesmo
nos cobre de esquecimento.

A vida que nos importa!
Somos como a folha morta
que o Outono faz tombar:

Nascidas do pensamento
vamos nas asas do vento,
no Passado agonizar...»

HERCULANO DE CARVALHO

OS LIVROS DA SEMANA

EPOPEIAS,

Dialogos com Deus, Livro Primeiro

por Antonio Marques Matias

Dê o mundo as voltas que der nós portugueses continuamos poetas. Defeito? Qualidade? Nemdefeito nem qualidade—fatalidade. Haja o que houver nós não poderemos deixar de ser o que sômos.

«Nós, no fundo, sômos só poetas!»

diz o poeta Antonio Marques Matias. Sinal de atraso? Prova de civilização? Sinal e prova de existirmos para além do plano de realidades em que existe o comum dos homens: os chamados homens práticos ou interessados. Sim: o que nós não sômos é homens práticos ou interessados. E a verdade é o poeta ser exactamente o antipoda do *homem interessado*, isto é, do homem inteiramente preso ao seu destino de senhor dêste mundo. *Homem interessado* é aquele que julga fazer andar a terra. E, afinal, a terra, salvo nos seus movimentos planetarios, continua imovel: nada a pode fazer mexer. Porque, na verdade, o que anda não é o mundo em si mesmo, mas a capacidade do homem de se adaptar a ele, isto é, a sua maleabilidade, a sua destreza, aquele sentido pelo qual ele vai, sucessivamente, substituindo o machado de pedra pelo de ferro, as mãos pelo garfo, a lança pela arma de fogo, a pá pela charrua, os pés pelo automovel. Nisso, sim, tem o homem progredido. Mas que importa isso ao progresso do homem em si? Que ganha com tudo isso o poeta? O homem entidade espiritual mantém-se improgressivo, eternamente imutavel. Ora o poeta é isso e só isso—uma entidade espiritual improgressiva e eternamente imutavel. Que lhe importará, portanto, que o mundo estremeça nos seus alicerces materiais? Que lhe importarão as fases catastroficas das sociedades? A missão dêle não é temporal. *O meu reino não é dêste mundo.* A sua missão é toda astral; o seu destino está fora da vida. A verdade, a justiça, o amor, a clemencia, de tudo isso ele sabe falar, sem que, no entanto, seja capaz de sentimentos amputados. Falará da verdade, da justiça, do amor, da clemencia, como quem fala de nuvens e de estrelas: coisas presentes e ausentes ao mesmo tempo—realidades inatingiveis. A poesia nunca será mesmo coisa diferente dêste sentimento de desapêgo do que ha no mundo de momentaneo e instavel—a felicidade do homem que domina. Ao contrario das aparencias, o poderio do poeta é mais duravel do que o do homem a quem vulgarmente chamamos poderoso. O dominio da alma é eterno: só os valores espirituais são eternos.

Não é de admirar, pois, que o português cante enquanto o mundo vai gemendo como uma velha nau farta da rota das Indias. Esse foi o seu destino de sempre. Incapaz do trabalho metodico, da disciplina severa, da perseverança na mediocridade, dons com que se faz da terra o «melhor dos mundos possiveis», como diria o heroi de Voltaire, ei-lo fascinado de imponderabilidades—olhos postos nas arvores, nas nuvens, nas aguas, nas estrelas, no que é de todos e só dêle.

Como é cruel a fisionomia do poeta, insuportavel a sua presença, odiosa a sua existencia!...

Pois não é natural ser cruel, insuportavel e odiosa a presença na terra de um ser impassivel em face de tudo aquilo pelo que os outros lutam até á morte? Todas as paixões são conciliaveis, li algures, os interesses nunca. Como suportar, então um homem que desdenha dos interesses? O poeta, para o homem interessado, constitue uma especie de acusação, pois é impossivel que ele não sinta, lá nos longinquos e irrevelados confins da sua alma, que o mundo não pode ser só aquilo em que ele o transformou. O poeta é a concretização do seu remorso. O verdadeiro pecado original não foi ter Adão comido a maçã. O homem que come os frutos da terra sem amor nem *distancia*, certo de não ter vindo ao mundo senão para dêles se apropriar—eis o verdadeiro pecador.

Que admira, então, que o poeta tenha perdido quasi todos os seus leitores? Não estamos nós precisamente na epoca em que o homem parece de todo esquecido das verdades superiores. Vá lá—transige-se com os poetas mortos ha muito tempo. Os que já morreram ha quatrocentos anos—esses são inofensivos. Mas os vivos? Ai! os vivos cá estamos nós para os desprezar. A não ser... Sim a não ser que eles queiram entrar para a comunidade. Então o caso muda de figura. Mas se eles teimam em ser apenas poetas —nada de transigencias.

Para se lêr um poeta é necessario humildade, amor. De outra maneira nunca se chegará a compreendê-lo. Jules Romains diz que o leitor de hoje perdeu o habito de lêr os poetas por ter á mão um alimento mais facil de digerir—a prosa. Para lêr prosa não é preciso abdicar-se dos habitos mentais quotidianos, nela encontramos como que um prolongamento das preocupações normais. Ora a poesia exige uma atenção superior, um esfôrço mental—melhor: a aceitação de um ritual, que, como todos os rituais, pressupõe *iniciação*. E se é certo a poesia ter perdido, em grande parte, o ritual classico, o certo é haver substituido esse ritual formalista por um ritual magico, em que prevalecem elementos psiquicos imprevistos. Jules Romains é, porém, de opinião de que mais tarde ou mais cedo o poeta ha de voltar ao ritual formalista.

Na literatura portuguesa moderna tem subsistido sempre, a par de uma poetica de expressão pré-logica e de uma poetica de expressão adensamento obscuro do logico, uma poetica que até certo ponto se pode considerar como continuidade da expressão poetica tradicional. Essa continuidade verifica-se na obra de um Sá Carneiro, de um Fernando Pessoa, de um José Regio. E' certo ter-se operado nestes poetas uma como que libertação dos canones metricos — mas a verdade é subsistir neles o mesmo ritual formalista dos poetas classicos. Antonio Marques Matias integra-se nesta corrente. José Redio, Miguel Torga, Carlos Queiroz, Marques Matias pertencem mesmo a uma linhagem unica: a dos poetas modernos que revolveram os metros classicos sem inteiramente abdicarem dêles.

* * *

Um problema se põe, imediatamente, ao critico que pretenda manifestar-se sobre a obra de Antonio Marques Matias *Epopeias, diálogos com Deus*, Livro Primeiro. Refiro-me ao problema das influencias. Até que ponto é admissivel a submissão de um poeta a uma influencia alheia? Qual a importancia das influencias na valorização de uma personalidade? Influencia, imitação e afinidade de temperamentos são uma e mesma coisa?

Gostaria de desenvolver estes pontos. Não tenho espaço nem tempo. Fá-lo-ei noutra oportunidade. Mas o facto de o problema ter sido agora evocado quere significar estarmos em face de um poeta que o provoca. E' Marques Matias um desses poetas de quem se possa dizer ao primeiro golpe de vista: estamos na presença de um imitador, de um influenciado, de um temperamento cheio de afinidades com outros temperamentos conhecidos?

Realmente, quem não dirá, numa primeira impressão, que M. Matias não seja um imitador? Mas a imitação é o grau mais baixo da escala das influencias. Imitar é mais do que ser influenciado. Imitar é apreender a forma, não o espirito. Por isso, temos de reagir contra o epiteto de imitador no caso de Marques Matias. Na sua poesia há mais do que forma—há mesmo sobretudo *outra coisa*. Poderemos nós, no entanto, afirmar que ele se não encontra sob o peso de uma esmagadora influencia? Isso, talvez não. Quem tiver lido José Régio e leia Marques Matias não poderá furtar-se a dizer: Marques Matias veio depois de José Régio. Sim: não se trata apenas de uma sugestão local. Se ha versos de Marques Matias que podiam ter sido escritos por José Regio, o certo é a própria atmosfera da sua obra ser feita dos mesmos gritos, das mesmas suplicas divinas, dos mesmos relentos de humana podridão. Há nos dois a mesma tendencia a desarticulara e métrica dentro do mais estreito respeito pelas linhas gerais da metrificação. O soneto tem o mesmo corte. Igual tendencia a traduzir por simbolos humanos (rei, palhaço, poeta, anjo, etc.) atitudes psicológicas. A mesma necessidade de diálogo. Identica propensão para atingir as fronteiras do divino ora pelo máximo orgulho ora pela máxima humildade, a máxima humilhação. «Rei de longas terras», «Profeta de Renuncia e Torpezas», «Imenso de mais para o teu ceu!...», «Quem salva o meu lagarto imundo e farto?», «chaga imunda»—eis expressões comuns a Régio e M. Matias. Não se trata, pois, de uma coincidencia de atitudes espirituais—trata-se de uma coincidencia de estilos. São tantas as semelhanças que não vale a pena enumerá-las. E visto ter falado em *coincidencia* ocorre-me preguntar: tratar-se-á de *influencia* ou de *coincidencia*, isto é, de *afinidade?* E o problema complica-se.

De facto, um artista tem o direito de afirmar o que Marques Matias afirma no fecho do seu livro. Lê-se aí: «Quero dizer que nele (refere-se ao seu livro), como em todos os livros que escrevi e escreverei, existem irremediàvelmente influencias de todos os poetas que tenho lido, mesmo até daqueles que menos me possam interessar». O poeta, dizia, tem sempre o direito de afirmar, com mais ou menos desdem, que recebe influencia e as despreza.

O leitor, porém, pode não acreditar na afirmação do poeta. E'-lhe sobretudo muito dificil compreender como pode um poeta receber influencias de poetas que *menos lhe possam interessar*.

E' verdade certos escritores servirem-se de temas e sugestões que outros não souberam ou não poderam tratar devidamente. Fê-lo Shakespeare. Fizeram-no grandes poetas clássicos, como Camões. Não é este, todavia, o caso de Marques Matias. Pelo menos não é esse o caso que nos interessa.

Os poetas que o influenciaram souberam servir-se dos seus temas. São poetas que não dão sugestões, mas que dominam. Sá Carneiro, por exem

Eu, lugar-comum, eu-mesmo, eu-meio termo,
Eu, o semi-doido, eu, o sempre-enfermo,
O pobre diabo de asas de cartão,
Que apodrece num quarto de alçapão
E dá gritos estereis de trovão...—
Juro!
Que não fui eu quem construiu o muro
Que me separa a mim da multidão!

Estará este poema de M. Matias muito distante desse-outro de Sá-Carneiro que abre por estes versos:?

O dubio mascarado, o mentiroso
Afinal que passou na vida incognito;
O Rei-lua postiço, o falso atonito;
Bem no fundo o cobarde rigoroso...?

Quere-me parecer que não. Além de que na poesia de Marques Matias são frequentes as expressões como esta:

—Hei de ser-me sempre em meus indicios,

audacia sintática que Sá-Carneiro introduziu na poesia portuguesa. Não falando de Nobre, cuja voz lá está quando Marques Matias murmura:

—Diz o doutor que eu sofro de histerismo.

ou, mais directamente, ainda, no belo poema *Atomo:*

Oh, a nostalgia de ser Mar e ser Navio,
Os doidos vendavais e os viajantes
E marinheiros de agil corpo esguio
Que vão ser mortos em nações distantes.

Quere dizer: apesar de conscientemente influenciado por alguns dos mais altos poetas modrenos portugueses, Marques Matias não teme afirmar, com altivez, que, muitos deles lhe não interessam. Se não tivessemos a certeza de haver nestas *influencias* grande parte de coincidencia ou afinidade, isto é, o resultado daquela circunstancia de tempo, graças á qual alguem antes de nós pôde dizer primeiro o que nós temos a certeza de ter sentido independentemente de outrem—se tal se não désse, haveriamos de pensar que Marques Matias era tão somente um caso de vaidade. Mas não. Tudo nos leva a crer que Marques Matias teve de suportar esta dolorosa evidencia—*chegar depois*. Mas *chegar depois* não quererá dizer, até certo ponto, ter nascido sem originalidade? Pior: não quererá dizer comprazimento *no que é facil*, como diria Régio? Sim e não. Marques Matias não é, positivamente, um poeta conformado com o seu destino. Pelo contrario. E o ele confessar:

Ha sinais doutros pés no meu destino,
Sobe da terra um cheiro a meu irmão,

denuncia o seu sofrimento, a sua angustiosa certeza de *ter chegado depois*. Mas, além disso, a revolta de Marques Matias e o seu não conformismo, são antes de natureza metafisica e psiquica do que de natureza estetica. Não era, portanto, de primeira necessidade que a sua revolta se concretizasse em formas originalmente encontradas. Exigir-lhe que exprimisse as suas alucinações e os seus espasmos numa expressão procurada seria o mesmo que pedir a Antero que tivesse posto os seus problemas em formas por ele proprio criadas. Mas...—e aí vem a adversativa, tão cara em circunstancias semelhantes—mas Marques Matias tambem é capaz, por vezes, de expressões caminho para uma independencia total. Suponho Marques Matias capaz de chegar a possuir uma expressão *sua, só sua*. Tenho esperança de que esse momento chegará. De um poeta tão sulcado de clarões, tão estremecido de terramotos, tão inundado de lava tudo ha a esperar. Ele proprio nos incita a isso quando diz.

Para andar-me soltei a mão de Deus,
Engrandeci a historia dos naufragios
De encontro ás rochas falsas dos meus ceus...
Se souberem de mim venham dizer-me,
Que, por enquanto, apenas sou preságios,
—E o meu porto na vida é conhecer-me.

JOÃO GASPAR SIMÕES

NOVIDADE LITERARIA

JOAQUIM MANSO

Malicia Sem Maldade

Uma nova mensagem espiritual

A' venda em todas as livrarias

Dez minutos com Rodrigues Lapa

(Continuação da pagina anterior)

as duas formas: «ua» e «uma». Uniformizar? Não seria bem; conservar, porque a coexistencia das duas formas corresponde a uma exibição da pronuncia do tempo.

A nova colecção de classicos obedece pois a este principio fundamental: aproxima-os de nós não lhes faltando ao respeito que lhes é devido.

—E qual a edição que lhe serve de base?

—A melhor, que é, por via de regra, a primeira. Essa escolha do texto é ainda uma coisa delicada. O nosso classicismo, por sua natureza tão refreado, foi ainda disciplinado, «preso mais curto» pelo sombrio tribunal da Inquisição. Diligenciaremos restituir o texto á sua inteireza primitiva, utilizando, quando possivel, os proprios manuscritos, que se não submeteram aos rigores da censura.

—Porque iniciou a colecção pela obra de Sá de Miranda?

—Em primeiro lugar Sá de Miranda era um autor que estava de há muito esgotado.

«A edição das suas «Poesias», feita por D. Carolina Michaelis, corria aí por um preço louco. Tornava-se urgentissimo uma nova edição.

«Depois, de todos os nossos classicos, Sá de Miranda é dos mais actuais; quero dizer que trata nas suas obras problemas politicos e morais que continuam a agitar o mundo. E' um escritor que não envelhece, um cidadão exemplar, um daqueles homens «dantes quebrar que torcer», tão raros em Portugal.

«O facto de ter escrito em português e castelhano não invalida o que diremos. Pensando bem: até nisso é actual.

—Supõe que estará assegurado o exito da colecção?

—Entre nós nada há seguro. Pode apenas afiançar-se que editor e director empregarão os seus melhores esforços nesta obra de grande empenho cultural. Tudo depende duma boa compreensão. Os clasicos põem-se daqui em diante ao alcance das bolsas mais modestas. Representam eles na literatura o esforço equilibrado entre a razão e o sentimento. E' uma necessidade actual e de sempre. Para o português, amigo de fadejar, um caso de vida ou de morte. Veremos como ele corresponde ao apêlo.